



HAL
open science

Da emergência à modernização: Os primeiros lugares turísticos de uma cidade Amazônica

Terence Keller Andrade

► **To cite this version:**

Terence Keller Andrade. Da emergência à modernização: Os primeiros lugares turísticos de uma cidade Amazônica. 2010. <halshs-00583789>

HAL Id: halshs-00583789

<https://shs.hal.science/halshs-00583789v1>

Preprint submitted on 6 Apr 2011

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

**Da emergência à modernização:
Os primeiros lugares turísticos de uma cidade Amazônica**

Introdução.....	2
1.1. Os fragmentos das narrativas à uma cidade pré-moderna.....	4
1.1.1. <i>A belle époque</i> da “Paris dos Trópicos” na atração estrangeira.....	6
1.1.2. Do higienismo à segregação na organização dos espaços.....	8
1.1.3. O cosmopolitismo como estratégia para seduzir a mobilidade.....	11
1.2. Manaus como uma inovação turística inglesa.....	14
1.2.1. <i>O 1000 milles up the Amazon</i> na invenção dos lugares turísticos.....	15
1.2.2. A tradição inglesa na arte de turistificar.....	17
1.2.3. As imagens circulantes na definição dos lugares turísticos da belle époque	19
1.3. As práticas espaciais na origem dos lugares turísticos Manauaras.....	23
1.3.1. As diversões da elite nos tempos da belle époque.....	24
1.3.2. As diversões populares e a multi-funcionalidade dos lugares manauaras	26
1.3.3. Da chegada dos hotéis aos contornos dos espaços turísticos.....	30
1.4. O turismo manauara imaginado: Uma reconstituição das práticas.....	35
1.4.1. A A imaginação das práticas turísticas como objeto de análise geográfica.....	35
1.4.2. A reconstituição turística na Belle époque.....	36
1.4.3. O lugar amazônico para as práticas turísticas.....	39
Conclusão: A invenção na estratégia dos atores.....	42
Bibliographie.....	44

Introdução

A mobilidade turística nos espaços amazônicos é uma prática recentente. Os primeiros relatos poderiam sugerir a sua gênese na segunda metade do século XIX. Uma efervescência de motivações ligadas a quebra do sedentarismo, a produção do exotismo e a busca da alteridade se multiplicava, principalmente com a revolução industrial que reduzia as longas viagens ao sul do equador. Se as primeiras políticas de higienismo e reforma urbana modernizavam os vilarejos, a reprodução de cidades européias em plena floresta tropical simbolizava a estratégia principal na atração da mobilidade estrangeira. No intuito de reconstituir as práticas turístico espaciais destes viajantes, centralizaremos nossa análise no processo de transformação de uma cidade amazônica cosmopolita, categorizada por muitos estrangeiros como a Paris dos Trópicos no início do século XX.

Para isto iniciaremos nossa abordagem nos relatos dos primeiros viajantes europeus que revelavam a emergência das reformas urbanas de Manaus. Orientada nestes discursos a cidade vira alvo de uma política ambiciosa de modernização e higienismo. Visando construir um ambiente agradável para atrair principalmente a vinda de estrangeiros, nosso primeiro questionamento estará centrado na identificação deste visitante que justifica toda uma reforma urbana da cidade. Deste modo, quem era este estrangeiro que interessava às elites locais da belle époque? E também, porque era importante incentivar a vinda de estrangeiros para Manaus, justamente em uma época onde um grande fluxo de imigrantes nordestinos desembarcavam nos portos da cidade à procura de emprego no mercado da borracha?

Uma melhor identificação deste visitante nos permitiria pensar se as políticas de modernização da cidade visava estimular o desenvolvimento dos fluxos turísticos. Este será também um ponto importante a ser compreendido ao longo deste capítulo. Percebe-se que todas as ações empreendidas pelas elites da época resultou em profundas transformações do espaço urbano. De uma simples cidade localizada a mil milhas da foz do rio Amazonas, Manaus se torna em pouco tempo símbolo do cosmopolismo no Brasil. Este fato evidencia que, mesmo em menor número, os estrangeiros em Manaus eram representativos na transformação dos lugares. Um tal processo foi possível somente em uma fase especial de sua história, quando a cidade respondia por grande parte da demanda mundial de borracha.

Em paralelo a todo processo de investimentos públicos em Manaus, um progressivo aumento no número de hotéis e de visitantes acompanhava a evolução da cidade. Uma nova forma de olhar para os lugares manauaras começa à ser percebido, inserindo assim práticas específicas na capital. As transformações urbanas de Manaus serão inclusive utilizadas como estratégias de comercialização turística por parte de uma operadora inglesa logo no início do século XX. Se é da Inglaterra que o fenômeno turístico expande no mundo, seria à Manaus mais uma resultante da tradição britânica de turistificar lugares? Aprofundando ainda mais este questionamento, seria a cura, o divertimento, o reencontro e a contemplação que justificava à vinda destes turistas para a capital? Estes serão alguns dos questionamentos do capítulo.

Recheados de imaginários e por uma calorosa receptividade, estes atores se distribuíam pelas ruas de Manaus na necessidade de reproduzir práticas particulares em lugares fora do cotidiano. Analisando este processo, nossa pesquisa ficará articulada nas ações destes atores do imaginário turístico em Manaus e que permitiram inserir uma nova função nos lugares da cidade ao longo do tempo. Este fato evidencia uma necessidade. Seria possível diferenciar entre todos os visitantes que desembarcavam nos portos de Manaus, estes que vinham motivados para a prática turística? Ou mesmo, o que os turistas faziam em Manaus no início do século XX? Existia uma particularidade turística em uma cidade moderna no interior da floresta Amazônica neste período? Mesmo face à uma ausência de relatos, quais ações

destes turistas permitem ilustrar que uma função turística estava em curso nos lugares manauaras?

Utilizando os mapas urbanos da época, relatos, cartões postais e políticas empreendidas tentaremos reconstituir a cartografia destes lugares turísticos, assim como interpretar as práticas ali executadas. Seguindo a forma de viver os espaços de Manaus nas primeiras décadas do século XX, tentaremos destacar as diferenciações impostas pelos membros das elites manauaras e as alternativas de lazer encontradas pelas camadas populares de sua população. Um tal código de postura marca todo o processo civilizatório da cidade e que utilizaremos como estratégia para propormos uma reconstituição dos lugares para a prática do turismo na capital. Para isto nos apoiaremos em diversos autores e relatos de visitantes que estiveram em Manaus ou analisaram as relações sociais manauaras neste período. Entre eles poderíamos citar brevemente Moacir Andrade, Agnello Bittencourt, Richard Collier, Edinéia Mascarenhas, Edward Burns, Selda da Costa, Arthur Reis, Thiago de Mello, Paulo Marreiro, Otoni Mesquita, José Aldemir e Marcio Souza.

A este imaginário que propomos representar visa evidenciar uma caracterização destes espaços assim como às práticas ali associadas. Percebe-se que as narrativas das viagens em Manaus evidenciavam uma necessidade constante do fenômeno turístico em encontrar novos lugares urbanos e periurbanos para estabelecer suas bases. Privilegiando esta metodologia e referências bibliográficas citadas vamos propor uma forma de leitura das inscrições espaciais passadas. Partindo do princípio que as ações empreendidas pelos diferentes atores davam vida aos lugares turísticos amazônicos, tentaremos evidenciar seu funcionamento à partir do aumento da acessibilidade e das ações empreendidas. Em consequência, o capítulo visa levantar algumas das características destes lugares para as práticas turísticas na expectativa de propor uma definição conceitual.

1.1. Os fragmentos das narrativas à uma cidade pré-moderna

A origem da cidade de Manaus está relacionada às estratégias territoriais portuguesas do século XVII. Da necessidade de garantir presença na maior floresta tropical e criar bases para explorar a região, começam os primeiros povoados no encontro do Rio Negro e Solimões. Por volta de 1669 é erguida uma fortaleza chamada Barra de São José do Rio Negro. Sua localização se dava à alguns quilômetros da foz do Rio Negro, em um lugar ocupado atualmente pelo edifício da Fazenda Pública. Segundo análises do historiador Ribamar Freire (Mesquita, 2006), esta fortaleza foi edificada em cima de um antigo cemitério indígena, simbolizando assim a imposição de valores que marcou todo o período colonial brasileiro.

Naquela época, não só diversas etnias indígenas habitavam neste lugar, mas brancos de origem portuguesa além de uma pequena parcela de negros. Embora com proporções bem menores, os homens brancos conseguiam explorar a mão de obra indígena em favor dos interesses da coroa. Da miscigenação entre estes três grupos é iniciado o povoamento do lugar. À partir da Carta Régia, de 03 de março de 1755, foi criada a Capitania de São José do Rio Negro, cuja sede localizava-se em Barcelos, à 400 km da foz do Rio. Face a constante presença de tropas espanholas e holandesas nas nascentes dos principais rios da região, o governador Manoel da Gama Lobo D'Almada decidiu transferir a capital administrativa em 1791 para a Barra de São José do Rio Negro, que tinha uma posição estratégica na confluência de dois dos principais rios amazônicos.

Alguns historiadores relatam um certo progresso na Barra do Rio Negro neste momento, com a construção de algumas infra-estruturas para os serviços públicos e manufaturas, por exemplo. Porém temendo a perda do cargo de Capitão-Geral do Grão-Pará, Francisco de Souza Coutinho inicia uma série de impencilhos aos planos de Lobo d'Almada, culminando no retorno da capital administrativa para a cidade de Barcelos através da Carta Régia de 22 de agosto de 1798. Somente dez anos mais tarde que a Barra de São José do Rio Negro voltaria novamente a ser sede da Capitania de mesmo nome. Este fato se deu durante o governo de José Joaquim Vitório da Costa e do vice-rei Marcos de Noronha Brito.

Um dos primeiros relatos à respeito das características da cidade foi documentado pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, durante sua passagem em Manaus em 1786. Pouco antes da Barra se tornar uma das principais cidades do distrito do rio Negro, ele expressava a simplicidade do local. Segundo suas palavras, a povoação possuía uma igreja Matriz, uma olaria, casa para construção de canoas e 45 residências para abrigar 301 habitantes (Ferreira 1971, p. 576). Quanto ao forte, este já encontrava-se em ruínas e muito mais iludia do que exercia a função de proteção.

Alguns anos mais tarde os naturalistas Henry Walter Bates (Bates, 1979), Karl Von Martius e Johan Von Spix (Martius e Spix, 1975), afirmavam que o plano da Barra de São José do Rio Negro situava-se em um terreno desigual cortado por vários córregos. Porém, diversas casas confortáveis haviam sido construídas entre 1809 e 1819. A grande maioria delas possuíam um só pavimento, com paredes pau-a-pique e cobertas com folhas de palmeira (Martius e Spix, 1975). Segundo os viajantes alemães, durante as festas religiosas a população da Barra atingia até 3000 habitantes. Porém nem todos eles possuíam residência no lugar.

Apesar de alguns progressos percebidos nestas duas narrativas a cidade mantinha sua característica rural e arcaica, cuja singularidade era remarcada pelos viajantes estrangeiros. Alguns fatos políticos permitiram inserir novos elementos no seu espaço. Em 1832 o governo paraense dividiu seu território nas comarcas de Grão-Pará, Baixo Amazonas e Alto Amazonas, extinguindo assim a Capitania do Rio Negro e elevando a Barra de São José do Rio Negro à categoria de Vila de Manaus. Neste momento, alguns relatos, como foi o caso de Alcides Orbigny (Orbigny, 1976) e Antônio Ladislau Baena (Baena, 1839) retratavam

algumas características da cidade entre 1836 e 1838. A recém capital já possuía pequenas ruas e praças, onde circulavam aproximadamente 3000 moradores. Algumas casas possuíam dois pavimentos em estilo europeu. Já as outras eram todas mais simples e cobertas por palhas. Inclusive o palácio dos governadores, a provedoria e o quartel utilizavam o mesmo recurso para se proteger do sol e chuva incessante da Amazônia. É destacado também a construção da igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, um hospital militar, juntamente com uma praça, além do forte erguido pelos portugueses e alguns comércios locais (Orbigny, 1976).

Em 1848 a vila de Manaus foi promovida à condição de cidade, adotando o nome de Barra do Rio Negro e dois anos mais tarde a comarca do Alto Amazonas foi elevada à categoria de província (Mesquita, 2006). Neste momento o viajante naturalista Alfred Russel Wallace (1823 - 1913) destacava que em 1849 a cidade localizava-se em um terreno irregular limitado por dois igarapés. Estes por sua vez eram cortados por duas pontes de madeiras, facilitando assim a circulação dos pouco mais de cinco mil moradores locais. Devido o alto grau de miscigenação, Wallace suspeitava que nenhum daqueles habitantes deveria ter o sangue inteiramente europeu. Além disto, nenhum calçamento existia nas ruas. Os buracos e os desníveis tornavam as caminhadas insuportáveis, principalmente à noite em função da falta de claridade. Quanto às casas, a maioria delas possuía um só nível, confeccionadas por tijolos e cobertas por telhas. As paredes eram pintadas de branco e amarelo, enquanto que as portas e janelas de verde, o que gerava um belo contraste segundo o naturalista. Da antiga fortaleza, apenas as ruínas de suas muralhas representavam o local (Wallace 1849, 1939).

Em um relatório citado por Otto Mesquita (2006), as péssimas condições das obras públicas da capital eram apresentadas em 1852. Seu autor foi João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha (1798/1861), primeiro presidente da província do Amazonas. Segundo este documento a falta de materiais, investidores e de engenheiros era uma das principais causas do pouco andamento das obras da capital. Inclusive Herculano Ferreira Penna (1810/1867), conselheiro da província declarava um paradoxo. Mesmo face a grande disponibilidade de matéria prima, o que poderia representar uma enorme vantagem para as obras públicas, existia o obstáculo da falta de mão de obra local. Muitas vezes eram necessários contratar operários de longe, como foi o caso de alguns europeus que chegaram na capital para trabalhar em serviços ligados à construção civil (Mesquita, 2006).

Em 1856 Herculano Ferreira Penna agora governador, decretou o nome de cidade de Manaus, em homenagem à nação indígena Manáos que ali vivia. Dois anos mais tarde, sua população atinge a marca dos 4500 habitantes (Mesquita, 2006). Neste momento é vez do médico alemão Robert Avé-Lallemant (1812 – 1884) relatar sua impressão. Passando por Manaus em 1859 ele revela que a cidade se localizava entre terras altas e baixas, com casas à beira d'água e nas pequenas colinas. As ruas, igarapés e pontes de madeira estavam em todas as partes onde as pessoas giravam, nadavam e andavam confusamente. A igreja matriz, e a ponte estavam precisando de reformas. Avé-Lallemant cita pejorativamente um teatro que provavelmente tenha sido o primeiro da cidade. O que deveria ser um exemplar da arquitetura tropical associando materiais encontrados na região é interpretado como uma limitação de ordem financeira e sua construção é comparada à um horrível “monstro porco-espinho” (Avé-lallemant 1859, 1980).

Em 1865 o zoólogo suíço Louis Agassiz (1807 – 1873) descreve Manaus como um pequeno aglomerado de casas em ruínas (Agassiz 1865, 1938). Ele ironiza sarcasticamente o nome Palácio dado à residência do presidente que não passava de uma pequena casa modesta. Inclusive ele relata que a Igreja Matriz seria digna de nota se acaso as obras fossem concluída as obras previstas. O Alemão Franz Keller-Leuzinger (1835 – 1890) reforça ainda o arcaísmo da cidade descrevendo o local com ruas mal niveladas, sem pavimentação, composto por casas e cabanas muito primitivas, sem nenhuma beleza arquitetural (Keller-Leuzinger, 1874).

Estes pequenos fragmentos das impressões dos viajantes demonstram algumas características urbanas de uma cidade colonial no interior da floresta. Com uma população que aumentava gradativamente, seus habitantes possuíam um alto grau de miscigenação e viviam num pequeno vilarejo bucólico. Estes por sua vez permaneciam grande parte do tempo nas matas, à procura de frutos para coleta, caça e pesca. O crescimento da cidade seguia a rugosidade do relevo, resultando em precárias ruas e onde os igarapés e acidentes naturais marcavam os limites de alguns dos bairros. A morfologia de seu terreno e as construções na grande maioria em madeira, palha e barro diferenciava Manaus de outras cidades que já dominavam técnicas mais avançadas de construção, urbanismo e higiene.

Estas particularidades faziam de Manaus uma atração exótica para os visitantes. Um pequeno conjunto de construções no interior de uma vasta floresta, cuja arquitetura e urbanismo não eram organizados e que centralizava toda a vida da população. Tais relatos evidenciam que Manaus na época não correspondia mais à uma aldeia indígena e ainda não se comparava as capitais mais modernas do país. Muito menos aos padrões das cidades européias que iluminava os olhares críticos dos primeiros viajantes em Manaus. A emergência da modernidade começa a ser assim transportada. Se observados a forma destas narrativas pode-se perceber claramente uma visão comparativa aos valores e padrões do velho mundo, sem considerar as diferenças e particularidades da região amazônica. Deste modo a Europa como o mais belo exemplo do moderno e na sua extremidade Manaus selvagem, arcaica e atrasada. A emergência das transformações passa a ser portanto, a palavra de ordem dos políticos locais no final do século XIX. Para atrair os investimentos estrangeiros era necessário uma série de reformas e empreendimentos arrojados visando atender as exigências econômicas e sociais da época.

1.1.1. A *belle époque* da “Paris dos Trópicos” na atração estrangeira

Segundo alguns historiadores, a *belle époque* atingiu não só Manaus, mas também várias outras cidades mundiais. Este termo corresponde a um período nostálgico de expansão e progresso que marca o fim de uma depressão econômica mundial em meados de 1890, e o início da primeira guerra em 1914. Um forte otimismo atingiu não só as elites européias, mas também grande parte da população por onde aconteceu este fenômeno. Muitas vezes devido aos progressos técnicos, científicos e econômicos que estas sociedades viviam.

No Brasil e em especial Manaus não foi diferente. O fim do segundo reinado e a implantação do regime republicano aumentavam as expectativas da sociedade brasileira. No início do século XX, a borracha representa uma parcela importante das exportações brasileiras, sendo superada apenas pelo café (Weinstein, 1983). A crescente demanda pelo hevea na indústria automobilística mundial favorecia a visibilidade nacional e internacional da cidade. A ampliação das redes de comércio com países europeus, as crenças nos ideais liberais, as conquistas materiais e tecnológicas simbolizavam o triunfo da burguesia manauara. Com pouco mais vinte anos de produção, exportação e preços em alta, Manaus se torna em 1910 a capital mundial da borracha, acirrando uma forte concorrência com a cidade de Belém, no Pará¹.

Apesar de algumas alterações urbanas ocorridas à partir de 1870, Manaus ainda conservava várias das características descritas pelos viajantes. Porto e pontes precárias, ruas estreitas e esburacadas, ausência de redes de esgoto, iluminação e de um exemplar estilo arquitetônico nos prédios públicos. Tal como visto no mapa abaixo, naquela época a cidade era delimitada pelos igarapés da Cachoeirinha, Cachoeira Grande, São Vicente e o igarapé do

¹ À respeito da concorrência entre Amazonenses e Paraenses durante o boom da borracha, consultar WEINSTEIN, Barbara. *The Amazon rubber boom. 1850-1920*. Stanford University Press. California. 1983.

progressivo desenvolvimento. Pode-se dizer, sem exagero, que tudo está por fazer.” (Mesquita, 2006). Desta forma, ele acusava a capital de não estar preparada para adquirir sua nova função de centro exportador de borracha e importador de produtos manufaturados. Transportar para o mundo a imagem de uma cidade moderna e civilizada passa a ser fundamental na atração de pessoas e investimentos. Para isto seria necessário garantir os rumos da expansão urbana através de mecanismos legais que visassem promover um melhor controle do espaço, além de nortear a ocupação de novas áreas.

A iniciativa parte do seu governo em 1892 e passa a ser seguida por seus sucessores. Aproveitando o boom da borracha e inspirado na idéia de progresso e nas feições que Paris adquiriria com a urbanização de Haussmann, ele dá início à um ambicioso projeto de transformação da cidade. Entre as maiores necessidades são destacadas a abertura de ruas, melhoramento dos portos e edifícios públicos, saneamento básico, eletricidade, transporte, coleta de lixo, entre outros. Todos os vestígios da antiga Barra de São José do Rio Negro deveriam ser apagados, criando assim condições para atrair aqueles que procuram um centro econômico interessante para moradia e investimento.

Um novo modelo urbanístico baseado na forma de tabuleiro de xadrez passa a ser adotado. Dois patamares se estabeleciam. Um voltado para o rio e outro que dele se distanciava, incorporando as áreas de mata ao quadriculado do novo traçado (Daou, 2000 a). Para os novos bairros, foram previstos distinções com relação aos anteriores. A alteração dos antigos limites, que normalmente coincidiam com as formas dos rios eram um deles. Além disto, o código municipal contribuía para que fossem afastadas do perímetro urbano atividades que evocassem o contato com a natureza, concentrando ali a realização dos negócios e da vida cultural da cidade. Ruas largas em traçado reto, canalizações das águas, terraplanagens das colinas e aterro dos igarapés marcavam em paralelo as grandes diretrizes.

1.1.2. Do higienismo à segregação na organização dos espaços.

Na expectativa de compreender a gênese dos lugares urbanos para a prática turística, nos direcionamos a um resgate histórico das principais ações que transformaram os espaços de Manaus ainda no final do século XIX. Deste modo não poderíamos esquivar das pesquisas realizada por Edinéia Dias (2007)³ principalmente destas no que dizem respeito à política de segregação dos espaços urbanos da capital. Privilegiamos portanto começar por esta obra em função do olhar crítico portado pela autora e que nos revelara algumas faces da tentativa de diferenciar o uso dos espaços da cidade na época.

Segundo Edinéia Dias, Manaus começa um processo de reformas que exige ordenar e revitalizar o espaço urbano, impondo regras no modo de vida da população na época. O código de posturas se torna o instrumento político para construir um espaço higiênico e sadio na cidade. Romper com a arquitetura colonial e afastar a classe pobre dos limites urbanos simboliza tanto uma medida de higiene quanto de controle social e que caracterizava não só a renovação de Manaus, mas igualmente das demais cidades progressistas brasileiras. É importante mencionar que este processo de desenvolvimento urbano sempre foi acompanhado da evolução das contradições sociais.

Com um aumento populacional de Manaus gerado pelo boom da borracha, os problemas de abastecimento, higiene e segurança pública se multiplicam. Pelo decreto nº1 de 23 de fevereiro de 1892, o agente de segurança se torna responsável pela prevenção de crimes. Para isto é necessário repreender vadios, mendigos e prostitutas que ofendam os bons costumes e a tranquilidade pública. Combatendo infratores através de multas e

³ DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto - Manaus 1890-1920*. 2ª edição. Manaus. Editora Valer. 2007. 170 p.

encarceramento, a polícia se torna a grande responsável pela implantação do processo civilizatório e da mudanças de postura da população. O reforço de um contingente de policiais no centro da cidade justifica não só para estabelecer a ordem local mas também para fazer valer esta política de higienismo, controlada e administrada juridicamente pela recém criada inspetoria de higiene do Estado do Amazonas (Dias, 2007).

Se as visitas domiciliares se tornam medidas necessárias para fazer valer a higiene da cidade, os espaços públicos irão concentrar a atenção das autoridades. A construção de redes de esgoto para remover os depósito de fezes e dejetos orgânicos ali localizados foi um dos primeiros aspectos para promover a imagem de uma cidade moderna. Em paralelo a isto, o aterro dos igarapés, nivelamento dos terrenos, calçamento e arborização entravam também na lista de prioridades. Uma comissão de saneamento foi assim instaurada em 1896 com uma estratégia de controle político do espaço urbano, orientado através de um plano de urbanismo saneador. Duas lógicas orientavam suas ações.

A primeira era que a urbanização e um serviço de transporte público seriam condições de base para atrair os investidores para a cidade. Na proposta de recomposição do espaço urbano, os becos, vielas e cemitérios no centro deveriam ser eliminados. Estes são compreendidos como os lugares de acúmulo de doenças e de difusão dos fenômenos epidêmicos, além de representar a morbidez que espantaria a alegria da *belle époque*. O cemitério da Praça da Saudade e o antigo hospital da caridade, são transferidos para um local mais afastado. Junto a isto, nenhum edifício poderia ser erguido sem a concessão de uma licença da superintendência. Para algumas avenidas era obrigatório a construção de sobrados. Ficava proibido também edificar casas cobertas de palha e sótãos no perímetro urbano. Além do mais, jogar entulhos nos igarapés, despejar lixo nas ruas e nos quintais das casas, conservar água parada e tomar banhos nos igarapés era considerada infração grave sujeita a multa.

A segunda estratégia que orientava a organização da cidade era a ampliação dos limites do espaço urbano moderno, higiênico e organizado. Desta forma seria possível atrair novos moradores com poder aquisitivo, assim como a instalação de empresas e comércios locais, contribuindo para o aumento da arrecadação dos impostos. Na execução deste projeto de higiene e embelezamento, houve necessidade de desapropriar inúmeras casas feitas de barro e cobertas de palhas comumente usadas pelos moradores locais. Dá início assim um processo de enobrecimento e transformação urbana à partir de interesses públicos e privados. A desapropriação dos antigos moradores locais, a valorização imobiliária e o elevado aumento do custo de vida neste espaço, instaura a chamada gentrificação.



Fonte: Hubner, 1913

Em uma carta publicada no Correio do Norte, de 03/02/1906, com o título *A miséria no Amazonas* revelava o custo de vida local para as classes menos favorecidas. “*O aluguel de casas é elevadíssimo. Por uma casa que mal dá para uma família pequena, paga-se de 30\$000 à 50\$000. Essa carestia podia ser contrabalançada pelos ordenados. Mas o caso é que não é. O trabalhador ganha, em média, 6\$000 diários, não chegando absolutamente para suas mais urgentes*

necessidades... Os operários são obrigados à residir fora da cidade, em barracas, que é como lá se denominam as palhoças de cá...” (Dias, 2007, p. 119)

Godinho e Lindemberg no mesmo ano (Mesquita, 2006) relatavam também o preço dos produtos comercializados no centro de Manaus na belle époque. Primeiramente para estes que poderiam ser compreendidos como supérfluos e associados a um público em busca de lazer e diversão. O chopp de origem alemã era vendido por 15\$000 réis e o café comercializado no teatro Amazonas custava em torno de 500 réis. Já os produtos locais, considerados básicos e de primeira necessidade à alimentação diária, o valor não era tão acessível. Para a galinha viva e o repolho por exemplo, o preço giravam em torno de 8\$000 réis. Enquanto que o peixe tucunaré, presente em praticamente toda a bacia do rio Amazonas chegava até 20\$000 réis no mercado.

Desta forma grande parte dos habitantes de classe social menos favorecida, são expulsos da parte central da cidade e se dirigem para as regiões mais periféricas, dando assim origem a ocupação de novas áreas e consequentemente a criação de bairros sem planejamento. É desta época que surge a ocupação dos bairros de São Raimundo, Educandos, Colônia Oliveira Machado, Cachoeirinha, Aparecida e Morro da Liberdade. Ambos no entorno da chamada Paris dos Trópicos do século XIX. Com excessão do bairro Cachoeirinha, todos seguem um traçado orgânico diferenciando do modelo quadriculado adotado no centro urbano de Manaus na belle époque. Este fato pode ilustrar uma ocupação desordenada, fazendo a cidade avançar sem planejamento sobre a floresta. Os limites de acesso poderia inclusive ilustrar uma estratégia de isolamento destes indivíduos. Segundo pesquisa levantada por Dias, (2007), desde o início do século XX a ponte de São Raimundo, sempre foi uma obra lembrada pelos administradores municipais e so foi efetivada em 1988.

A segregação dos espaços urbanos se refletia em todos os sentidos. Os serviços de saneamento básico, era um deles. Para o abastecimento de água, a ênfase é dada ao centro em detrimento aos interesses de populações que habitam nos bairros mais afastados. Assim as reclamações por parte dos moradores desfavorecidos se tornavam uma tarefa do cotidiano. As obras de construção dos reservatórios geralmente não acompanhavam o crescimento da cidade e as novas exigências da política de higiene. A má qualidade da água, a irregularidade na distribuição e o preço elevado atingia inclusive aqueles que se beneficiavam do recurso servido pela canalização no centro urbano.

O serviço de remoção do lixo era outro fator que reforçava a segregação espacial. Dentro das diretrizes estabelecidas entre a intendência e o contratante, este seria obrigado a remover o lixo depositado em vasilhas nas portas dos edifícios e casas, assim como varrição e capinação da cidade nas ruas e praças calçadas. Os limites correspondiam ao norte com a rua Leonardo Malcher, a leste com a avenida General Osório, ao sul com o rio Negro e a oeste com o igarapé da Cachoeira Grande⁴. Os moradores dos bairros afastados reclamam não só da ausência deste serviço público mas também da ação de alguns contratantes que depositavam nas periferias o lixo recolhido no centro.

A iluminação pública representava outro impencilho a ser resolvido. Em 1891, Manaus era iluminada por querosene e nafta o que era considerado um sistema arcaico em comparação às grandes cidades que utilizavam o hidrogênio de carbureto e mesmo a energia elétrica. Cinco anos mais tarde, a empresa *Manaus Electric Lighting Company* se torna a responsável pelo fornecimento de energia elétrica para as vias e edifícios públicos, além das

⁴ Serão varridas todas as noites as seguintes praças, ruas e avenidas. Ruas municipal, Marechal Deodoro, Marçílio Dias, Guilherme Moreira, Theodureto Souto, Quintino Bocaiuva, Beco do Comércio, Praças Tamandaré, da Constituição, Avenida Eduardo Ribeiro, Ruas da Instalação, Henrique Martins, Marquês de Santa Cruz, Barés, Mundurucus, Praças 15 de Novembro e dos Remédios, Rua do Tesouro e Demétrio Ribeiro (Dias, 2007, p. 76)

residências particulares. A medida que a energia elétrica conquistava o centro da cidade, a iluminação de nafta e querosene era transferida para os bairros mais afastados.

Percebe-se que ao tentar instaurar a política de embelezamento e higiene da cidade, uma pressão forte é exercida contra os indivíduos menos favoráveis da sociedade. A estratégia de segregação de doentes, ladrões, vadios, mendigos, prostitutas dentre outros e isolamento dos mesmos em bairros distantes demonstravam a tentativa de organizar higiênicamente o espaço da cidade no final do século XIX. Segundo pesquisas desenvolvidas ainda por Edinéia Dias (2007) surgem assim as penitenciárias, hospitais, asilos de mendicidade, hospício e colônias agrícolas, visando livrar do centro urbano as desordens e aberrações que ameaçam a vida na Paris dos Trópicos.

Para fazer valer este raciocínio, em 1910 é inaugurado em Manaus o asilo de mendicidade. No mesmo ano, as autoridades do município proíbem a mendicância na cidade, à partir do decreto 1º de 29 de janeiro. Assim, todo o indivíduo que fosse encontrado mendigando nas ruas e praças da cidade seria recolhido ao asilo e lá tentado algumas formas de re-inserção do indivíduo produtivo na sociedade. Desta forma a instituição tentaria adquirir um caráter de amparo à pobreza local.

A criação dos centros de reclusão para os portadores hanseníase era também uma outra tentativa de limpeza da Paris dos Trópicos. Estas estruturas ofereciam a possibilidade de tratamento da doença, onde os enfermos poderiam transitar livremente longe de Manaus, evitando assim a exibição das suas feridas para o público da cidade. Em alguns casos estes hospitais colônias ficavam tão longe que era necessário até mesmo algumas horas de barco a vapor para acessá-las. Só para ilustrar um pouco esta condição de isolamento, um destes leprosários foi instalado no município de Iranduba, mais precisamente na comunidade de Paricatuba, à 25 km de Manaus, na margem oposta do rio Negro.

1.1.3. O cosmopolitismo como estratégia para seduzir a mobilidade

Pouco tempo mais tarde, o centro urbano de Manaus passa a exercer uma nova atração populacional, principalmente depois de iniciada a política de infra-estrutura urbana. Se até 1830 os relatos dos viajantes naturalistas demonstravam uma população estimada entre 3000 moradores, em 1890 ela atingirá 38 720 habitantes, segundo o recenseamento geral da república (Dias, 2007). Não somente brasileiros procurava o el dourado da borracha, mas também estrangeiros ligados à atividade de exportação e importação de mercadorias, funcionários de firmas prestadoras de serviços, urbanismo e navegação. Muitos deles chegam na cidade como turistas e solicitam, pouco tempo mais tarde, a legalização de residência junto às autoridades locais, passando a viver nos novos bairros criados (Dias, 2007).

A administração pública revelava o interesse na atração dos estrangeiros. Um exemplo disto foi a política de boas vindas de 1891. No momento de criação do Banco do Estado do Amazonas, o governador Gregório Thaumaturgo de Azevedo (1853 – 1921) define como objetivo a contratação de europeus através de um guia de oportunidades profissionais. Este foi editado em diversas línguas faladas na Europa e que destacava as belezas naturais, a história e as finanças da cidade. *“O estrangeiro julga sempre um país pela sua capital: se esta o atrai, está sempre disposto, ou a consagrar-lhe a sua atividade, ou, quando de volta à sua pátria, fazer-lhe referências que determinem compatriotas seus a emigrarem para o país enaltecido. Tudo que se faça pelo embelezamento da capital do Amazonas, à primeira vista parecendo obra supérflua, é de resultado praticamente imediato”* (Mensagem lida perante o congresso dos srs. Representantes em sessão de 10/07/1900, pelo exmo. Sr. Coronel José Cardoso Ramalho Júnior, governador do Estado (Mesquita, 2006).

Muitas vezes estes estrangeiros eram os responsáveis por impulsionar as atividades de comércio, transportes, bancos e serviços urbanos que iria desenvolver a cidade, ficando quase

sempre atribuído à eles o sucesso das empresas implantadas. Já os imigrantes nacionais estes eram acusados de preguiçosos e indolentes, frequentemente alvo de críticas e preconceito por parte dos homens públicos e até mesmo do setor privado (Dias, 2007). Os nordestinos eram os mais pejorativos, principalmente por representarem o flagelo da seca que chegava na capital com baixo grau de instrução e recursos financeiros. Por isto, muitos deles eram diretamente enviados para os seringais do Estado, ficando pouco tempo na capital.

Com o boom da borracha, o movimento de passageiros nacionais e internacionais desembarcando nos portos de Manaus se eleva. Tal como relatado por Mesquita (2006), a presença de estrangeiros era tão massiva que em 1901 uma enciclopédia portuguesa indicava a cosmopolidade da cidade. Segundo os dados fornecidos, a população manauara era composta por 45 mil indivíduos⁵, dos quais, dois quintos era representada por estrangeiros de nacionalidades diversas. Este fato explica a chegada de diversos elementos da cultura européia em Manaus, marcando o cosmopolitismo da cidade. Era possível, por exemplo, encontrar na Manaus da *Belle époque* exemplares de jornais europeus. Quanto aos tradicionais jornais de domingo, estes eram recheados de anúncios indicando a existência de diversos produtos importados à serem comercializados. Além disto, intérpretes oferecendo seus serviços de traduções e ainda advogados propondo suas especialidades na regularização da permanência dos estrangeiros que se instalavam na capital eram propaganda nas principais páginas.

Com relação a educação, esta era a primeira prioridade na expectativa de uma modernização cultural. O Governo do Estado ansioso pelas reformas educativas solicitou à diretoria geral da instrução pública um estudo à respeito da organização do ensino nos países europeus e sua viabilidade de implementação nas escolas da capital (Dias, 2007). Uma atenção especial foi direcionada à língua francesa, que se torna juntamente com o português, obrigatórias para a escola normal. Em paralelo, centros especializados em cursos de inglês, francês e alemão começam à proliferar na cidade.

Outro fator que estimulava os modos de vida europeu em Manaus partia dos próprios moradores. Em uma estratégia de distinção social (Daou, 2000), as ricas famílias manauaras enviavam seus filhos para estudar na Europa. Pouco tempo mais tarde novos costumes e hábitos, que nem sempre condizem com a realidade local, são incorporados nas novas gerações das elites que retornavam à cidade.

Para demonstrar o cosmopolitismo da cidade, o ano de 1902 tornava símbolo de orgulho aos Amazonenses, principalmente com a figura de José Plácido de Castro que liderava a revolução acreana na definição dos limites territoriais com a Bolívia. Para a elite local, este era o motivo de comemoração no fino restaurante do Hotel Cassina. O menu

Menu Hotel Cassina 07 de junho de 1903

P otage aux raviolis
L angouste en mayonnaise
A anchois sause ravigotte
C anapés de foie gras
I rish-stew
D indon à la Brésilienne
O eufs à la Parisienne

D emi glace sur volaille
E emincé de filet sauce piquante

C otelette de mouton à la financière
A loyan braisé aux champignons
S almis de canards
T omate à la provençale
R otis de veau au cresson
O melette celestine

Fruits, fromages, confiture, café e thé

Fonte: In: Costa, 1996, p. 39

⁵ Segundo dados da diretoria geral de estatística da república, 50 300 indivíduos era a população recenseada em Manaus para o ano de 1900.

oferecido no domingo do dia 7 de junho ao herói que chegava em Manaus (Costa, 1996) demonstrava o requinte do cardápio e o nível de necessidade na importação de produtos franceses para fazer face aos anseios da elite local.

Diversas casas comerciais administradas por europeus passam a se instalar também no centro da cidade. A economia da borracha, somada ao aumento da acessibilidade e ao baixo investimento na indústrias de bens de consumo, cria um cenário de dependência forte com relação à produtos importados, principalmente para estes vindos da Europa. A necessidade era tamanha que mesmo artigos básicos como água mineral, batata, biscoito, tecidos, conservas, sal, telhas de barro, vinhos entre outros (Dias, 2007) tinham que vir de outras localidades. Muitos deles à partir do momento que chegavam na capital do Amazonas, se dirigiam diretamente para os seringais e cidades do interior, reforçando assim a posição de Manaus como uma centralidade do comércio local.



Fonte: Edinea Mascarenhas Dias, 2007

A abertura constante de novas lojas demonstrava a forte demanda das famílias locais pelas últimas novidades dos produtos europeus. Diversas casas comercializavam a moda parisiense e alguns restaurantes da capital se especializavam nos pratos de requinte da França. Seguindo também os hábitos britânicos, o chá das cinco passa a ser consumido todas as tardes ao som de Strauss e Schurbert. Personalidades artísticas internacionais, como o circo russo-japonês estreavam na cidade (Burns, 1966). Chega-se também na capital bancos nacionais e internacionais, empresas de transporte e seguro marítimo fluvial.

A influência estrangeira em Manaus era também marcada por outras formas, tal como expressos nos planos de urbanismo (Dias, 2007). Inspirado no modelo parisiense de Haussmann, os planejadores da cidade passaram a prever boulevards, pontes de ferro e calçamento das ruas. A construção de cafés, hotéis, teatros, cinemas e lojas, que já era notado nas principais cidades européias deveriam substituir os antigos

prédios públicos da capital à serem demolidos. A arquitetura vira também foco, principalmente no centro urbano que privilegia uma ornamentação européia, artificial e cara em detrimento do estilo colonial (Dias, 2007). Tudo deveria ser feito para aproximar a antiga aldeia na confluência do Rio Negro e Solimões na “Paris dos trópicos”.

Segundo Anibal Amorin (1909), relatado no seu livro viagens pelo Brasil, Manaus era a cidade mais cosmopolita de todo o país e acreditava-se que 90% da sua população era composta de estrangeiros e brasileiros de outros lugares. Em quatro meses de estadia na capital, ele deveria ter conhecido um número inferior à dez indivíduos que ali nasceram (Mesquita, 2006). Como veremos mais tarde, a presença estrangeira na cidade se refletia também na fundação de alguns clubes (Daou, 2000), tais como o Bosque Club dos Ingleses, o

Rudder Clube dos Alemães e o clube dos portugueses, representando lugares para a prática do lazer na cidade.

Os ingleses vão se tornar alguns dos principais atores da reforma urbana. Vários deles instalam empresas na capital especializadas em transporte público, reforma portuária, instalação de rede elétrica, água e esgoto. Além de suas experiências no urbanismo, os empréstimos britânicos⁶ tornaram-se também os mecanismos utilizados para a execução dos projetos de reforma da cidade. A presença destes eram tão massiva que a libra esterlina circulava livremente em algumas lojas (Burns, 1966). Tal como relatado por Edineia Mascarenhas Dias (2007) ainda hoje é comum ouvir expressões do tipo “A Manaus dos ingleses”, referindo-se à Manaus desta época de investimento e influência.

A tecnologia e a mão de obra estrangeira na organização deste novo urbanismo é inclusive privilegiada, face à oferta de empresas nacionais. A iluminação elétrica ficou a cargo da *Manaus Electric Lighting Company*; a infra-estrutura para o transporte em bonde foi transferida à *Manaos Railway Company*; a construção do palácio do governo foi acordado com a empresa *Moers & Moreton*; A comunicação ficou a cargo da *Amazon Telegraph*, o matadouro público foi confiado à *The Manaus Markets & Slaughterhouse*; O porto à *Manaus Harbour Limited*.

1.2. Manaus como uma inovação turística inglesa

Além das reformas urbanas, os ingleses se tornam um dos pioneiros no processo de turistificação de Manaus, através da empresa britânica Booth Steamship Company de transporte marítimo/fluvial. Com uma frota de sete navios operando à partir de 1882, esta empresa foi uma das responsáveis pela conexão de Manaus com diversas cidades européias e norte americanas. Um grande volume de mercadorias, pessoas e informações passaram pela capital amazonense graças ao empreendedorismo dos irmãos Alfred e Charles Booth. Uma das grandes inovações promovidas pela empresa foi o chamado “1000 miles up the Amazon” ou “1000 milhas Amazonas acima” que começava a ser comercializado no mercado britânico.

Esta novidade correspondia à venda de pacotes turísticos destinados à Manaus. Partindo de Liverpool com escalas em Leixões, Porto, Lisboa, Ilha da Madeira chegava-se nas destinações amazônicas cujo o turismo era bastante incipiente. As localidades de Salinas, Ilha de Marajó, Belém⁷, Chapéu Virado, Ilha do Mosqueiro e Manaus faziam parte do roteiro. Seis semanas em um luxuoso navio chamado *Hidelbrand* eram necessárias para percorrer as 11 800 milhas do trajeto. Deste total, 2000 estavam concentradas dentro da bacia do rio Amazonas.

Não se sabe ao certo quando foi organizado a primeira viagem nesta modalidade. Muito menos o perfil e nem o volume de saídas previstas por ano. Porém algumas pistas nos permitem aproximar certas datas e a regularidade na comercialização do pacote. De acordo com pesquisas desenvolvidas por Antônio Loureiro (2007) a primeira viagem realizada entre Liverpool e Manaus pela empresa é datada de dez de janeiro de 1896, através do navio *Augustine*. Apesar da indicação de um outro navio que difere do *Hidelbrand*, as diferentes categorias de conforto oferecido pelo *Augustine* permite supor que diferentes níveis sociais de viajantes europeus desembarcavam em Manaus no final do século XIX. Mesmo que este fato pudesse favorecer a chegada de turistas no interior da floresta Amazônica, não é possível afirmar que já se tratava de clientes do famoso “1000 miles up the Amazon”.

⁶ Além do boom da borracha, a municipalidade de Manaus contrata em 1906 um empréstimo de £ 350.000 para dar continuidade as obras de melhoramento da cidade. (Dias, 2007)

⁷ A peça publicitária do 1000 miles up the Amazon citada por Pennington (2009) refere-se ao porto do Pará o que provavelmente tenha sido a cidade de Belém.

A segunda pista seria a data de aquisição do Hidelbrand (1911) e a estréia do trecho em 1º de abril do mesmo ano. Sua nau de 7000 toneladas permitia um espaço amplo, com belas mobílias, ventilação e ausência de mosquitos para percorrer as águas amazônicas. Por se tratar de um luxuoso navio que se comparava com os mais confortáveis camarotes existentes no mundo, uma sala de cinema foi projetada (Costa, 1996). A possibilidade de assistir filmes dentro de um navio representava não só um entretenimento para reduzir as distâncias que separam Manaus da Europa, mas principalmente um dos mais novos símbolos da modernidade dos transportes. Quanto ao serviço de bordo, tanto a comida, quanto a atenção dos funcionários da empresa aproximava do tratamento proporcionado pelos melhores hotéis londrinos (Pennington, 2009). Um público elitizado estava assim cativado e este era um dos enormes diferenciais para conquistar os clientes do pacote.

A terceira referência nos permite supor a regularidade de saída, assim como o período de comercialização do pacote. Em uma carta reproduzida por David Pennington (2009), o autor nos mostra que a empresa Booth Line respondia atenciosamente aos anseios de um público interessado pela Amazônia. Em uma carta datada do dia 8 de agosto de 1923 à uma de suas prováveis clientes, nos mostra que o famoso pacote ainda estava sendo comercializado na segunda década do século XX. No texto é referenciado também que duas excursões estavam previstas para o segundo semestre de 1923. Uma com saída no dia 18 de setembro e outra no dia 15 de novembro. Sendo assim, provavelmente quatro viagens como esta eram previstas por ano e as seis semanas exigiam um público elitista com disponibilidade de tempo, recursos financeiros e forma física.

Presume-se também que entre o período de início da exibição do cinema no Hidelbrand registrado por Selda Costa e a data de envio desta correspondência relatada por David Pennington, uma queda brusca na venda deste produto tenha limitado o desenvolvimento da atividade turística na capital por parte desta empresa. Se por um lado a crise da borracha se instalava em Manaus, a primeira guerra mundial marcava a tensão dos principais clientes europeus entre o período 1914 e 1918. Além destas duas crises, a empresa Booth cedeu vários de seus navios e funcionários para as forças armadas britânicas (Pennington, 2009) o que influenciou na comercialização do *1000 milles up the Amazon*.

1.2.1. O *1000 milles up the Amazon* na invenção dos lugares turísticos

Os argumentos de venda do *1000 miles up the Amazon* evidenciam as tentativas de desmistificar os clichês da Amazônia à uma sociedade portadora de preconceitos. Promovendo a existência de uma floresta confortável, segura e exótica para a prática do turismo, a Booth Steamship privilegia diferentes estratégias para atrair seus clientes. Para dar credibilidade ao produto, é apresentado uma afirmação de Bates “*embora tão perto do equador, o clima não é excessivamente quente. A temperatura durante três anos somente uma vez chegou aos 95° F*” (Bates, 1979).

Além dos relatos de cientistas, as opiniões dos turistas ajudavam a comprovar as qualidades do lugar. A preocupação com a saúde e a higiene não era somente evocada nas peças publicitárias para quebrar os pré-conceitos da floresta tropical, mas também visava promover a destinação como um lugar exótico para a prática do descanso e cura do stress. Graças à revolução na medicina tropical a Amazônia poderia ser vivenciada por todos com saúde normal. Porém o mesmo pacote não recomendada aos inválidos ou inativos em idade avançada. As longas horas de viagem, a ausência de serviços médicos especializados, assim como as necessidades constantes de cuidados médicos especiais eram as justificativas do conselho.

“*Manãos manda uma banda de música para o cais, e vem “en masse” com aplauso, roupas brancas imaculadas, chapéus de palha e buquês de flores. É fácil escrever levemente*

sobre esta boa-vinda calorosa, mas, quando alguém aperta a mão de um inglês nesta cidade isolada, a mil milhas da civilização – e no entanto, como um oásis num deserto, possuindo todas as conveniências modernas, como luz elétrica, bondes, teatros, cafés, e jornais diários – há um sentimento de orgulho, porque ingleses, escoceses e irlandeses tiveram cota não pequena nesta realização. [...] Há algo de fascinante em estar no coração da floresta equatorial, com altas palmeiras e gigantescas arvores quase apagando a luz do sol. É um relace da coisa verdadeira, que ode ser obtida e apreciada pelo jovem ou idoso, homem e mulher. [...] Ninguém consegue ficar no navio ou solitário na hospitaleira Manaus [...]. O mercado de Manaus é um lugar para o caçador de curiosidades, a floresta em volta para o naturalista e amante da beleza tropical, e a cidade mesma um lugar para aprender alguma coisa sobre a vida nesta fronteira de civilização”. (Pennington, 2009, p. 178-179).

Aqui percebe-se alguns elementos que motivava a vinda destes turistas. O fato de ser bem recebido e esperado por uma população cedente por novidades e estilos colocava-os em uma posição de valorização e sentimento de orgulho de sua origem geográfica. A possibilidade de encontrar produtos europeus, arquiteturas que se assemelham a exemplares ingleses permitem algumas pistas da necessidade que estes turistas tinham em encontrar nos longínquos lugares a possibilidade de encontrar semelhanças e reproduzir práticas do seu cotidiano. Inclusive a condição de enclave que caracteriza a cidade não é um sinônimo de isolamento e desconexão do mundo. Pelo contrário. No ato de frequentar teatros e cafés, ler jornais diários, no encontro e acolhimento da sociedade local possibilitaria uma abertura com o mundo exterior dentro da floresta.

Em um dos catálogos da empresa o exotismo sugere uma tentativa de construir uma imagem da destinação. Para isto a poesia e a imaginação descrevem às particularidades do lugar como as águas, os animais selvagens, as casas dos nativos e embarcações utilizadas pelos mesmos são os ícones do exótico. Um mapa localiza todo o percurso a ser seguido partindo da Europa até o “rio do mistério que traz alimento para os pensamentos e romances”. Na narrativa do texto, “praias douradas rodeadas de palmeiras são anotadas antes da última civilização distante ser alcançada, o fabuloso El-Dorado dos conquistadores, elegante e isolada, hospitaleira pequena cidade da jangal de Manáos [...] o viajante sentirá que esteve no reino das fadas, tantas e incomuns as vista, sons e sensações ” (Pennington, 2009, p. 174 - 179). Enfim, diversos elementos que aproximam bastante das narrativas dos viajantes e naturalistas precedentes ao século XIX.

Quanto as práticas elas se concentravam nos lugares urbanos e nos entornos da cidade. O mercado de Manaus, por exemplo, era um lugar referenciado pela curiosidade, onde se encontra os exemplares do exotismo local como peixes, quelônios, aves, frutas e raízes típicas. Na parte da tarde os passeios privilegiavam o bate papo nos cafés, clubes e bangalôs, da cidade. As visitas nos populares bairros Campos Salles, Flores e São Raimundo eram igualmente previstas. A proposta da empresa em promover turisticamente áreas que concentrava camadas populares da população nos permite algumas pistas à respeito das práticas nesta época. Se as reformas urbanas de Manaus ornamentava certos lugares ao requinte das elites manauaras, havia uma necessidade, por parte destes mesmos turistas, em procurar novos lugares portadores de modos de vida e significados que diferem destes impostos pela burguesia local. Deste modo visitar tais bairros poderiam favorizar tanto o encontro entre turistas com camadas mais específicas da população, quanto valorizar o refúgio na natureza junto as áreas periurbanas na cidade.

Saindo da área urbana da cidade, várias “expedições nos rios locais” estavam previstas. Duas delas faziam parte das opções de passeio nos entornos de Manaus. A primeira visava o encontro das águas. “como o nome mostra, as águas do Rio Negro são compostas de águas preto-azuladas, e isto forma grandes manchas e redemoinhos em miniatura no meio do dilúvio amarelo amazônico. Tão distintos são os contornos, que a proa do navio está

flutuando na água escura do rio Negro, enquanto que a popa ainda está navegando na água amarela do rio Amazonas. Nos muitos igarapés estreitos, por essas alturas, abundam as gigantescas lótus, conhecidas como Victória-Régia, e lanchas a motor podem ser fretadas em Manaus para visitar os campos [sic] onde abundam essas lindas flores flutuantes. Aqui também na margem oeste do rio Negro, cardumes de jacarés podem ser vistos frequentemente ao alvorecer ou ao crepúsculo, abanando suas poderosas caudas, ou flutuando com a maré” (Pennington, 2009, p. 177).

Mesmo que devido a uma ausência de elementos para avaliar a percepção dos viajantes, esta narrativa revela algumas pistas do que poderia ser a prática destes primeiros turistas no entorno de Manaus. Sair de barco pelo rio Negro, observar o encontro das águas na formação do rio Amazonas e avistar alguns exemplares da fauna e flora local, transferindo aos praticantes à função de expectadores das paisagens. Os pacotes, cujo o preço variava entre 90 e 100 libras ofereciam transporte, alimentação e guias nativos para conduzir os turistas em alguns lugares remarcáveis para o turismo



Mosaico de algumas peças publicitária do pacote 1000 miles up the Amazon

Fontes: Gene Buel, Vintage Postcards, et Worth Point 2010

Quanto ao segundo pacote, o passeio mais remarcável era visitar a cachoeira do Tarumã. *“A expedição principal, quando o nível das águas do rio permite, é para as Quedas do Tarumã. Para esta incursão de dia inteiro nas selvas da Guyiana Brasileira, lanchas a motor são alugadas, merendas são trazidas à bordo, e o caminho são algumas milhas rio Negro acima. Entramos num pequeno afluente, até o ponto em que temos que atracar na floresta inundada. Canoas nativas ou barcas são agora a nossa condução. Guias locais nos conduzem algumas milhas pela floresta inundada até alcançar a terra firme. Aqui, uma trilha estreita através da densa floresta equatorial, transformando o viajante em explorador por trinta minutos, atrás dos guias nativos, no coração da grande floresta. Ali uma linda depressão de vegetação tropical, uma belíssima queda d’água, fria e refrescante, cai num lago natural, no crepúsculo da floresta da Guiana.”* (Pennington, 2009, p. 178-179).

Nesta descrição o fato da acessibilidade aos lugares turísticos estar associada ao nível das águas evoca ainda mais o sentimento de aventura e exotismo da Amazônia. Passar o dia inteiro fazendo expedição no meio da selva, atracar em uma floresta inundada, usar canoas nativas para se locomover transfere aos turistas o sentimento de descobridores de um paraíso. Em paralelo todo o conforto é igualmente pensado, o que nos conduz a pensar na necessidade de um risco controlável. O fato de uma acessibilidade rápida através de lanchas motorizadas, merendas, guias nativos evocam a necessidade de se construir uma imagem de uma selva segura para a prática do turismo. Igualmente é percebido em ambas as descrições que a floresta é constantemente referenciada por suas proporções colossais como o estar no coração da grande floresta, o dilúvio amarelo amazônico; as gigantescas Victória-Régias e as poderosas caudas dos jacarés.

1.2.2. A tradição inglesa na arte de turistificar

A proposição de pacotes turísticos em Manaus pela empresa Booth vai ao encontro da necessidade de adaptar os lugares à necessidade de um grupo seletivo de viajantes. Os ingleses

não são apenas responsáveis pelo urbanismo da cidade, mas também pela inserção de uma nova forma de usar os lugares por eles criado. A inovação da empresa encontra na Amazônia mais um novo receptáculo da tradição britânica de inventar lugares turísticos. Tal como visto no capítulo anterior, é da Inglaterra que surgem as primeiras estações turísticas, assim como as primeiras viagens organizadas por James Cook. É da Inglaterra que a atividade se expande para a Europa e para outros cantos do mundo. Portanto é da Inglaterra que a Amazônia se torna mais um palco para suas representações.

O que mais chama a atenção é uma hipótese relacionada aos interesses dos ingleses, aqui representada pela empresa Booth Steamship, em promover o fluxo de turistas para Manaus. Tal como relatado, o período de aparição do *1000 miles up the Amazon* corresponde exatamente ao momento em que a cidade começava a sentir os efeitos da crise da borracha. A concorrência com o mercado asiático promoveu uma diminuição da demanda pelo produto amazônico simbolizando assim um período de queda brusca das atividades gomíferas para grande parte das empresas que haviam se instalado na capital do Amazonas.

Com a diminuição das exportações do Hevea, percebe-se igualmente uma redução na chegada de navios e conseqüentemente de passageiros em Manaus. Assim o interesse em comercializar pacotes turísticos para a região Amazônica poderia estar associado a interesses específicos por parte da empresa. Primeiramente seria necessário recuperar os investimentos feitos na capital manauara. Desde a criação da empresa até o início da crise da borracha, a Booth Steamship havia investido bastante recursos na adaptação dos navios para a navegação marítima e fluvial. Em 1911, representava inclusive uma efervecência de investimentos dos irmãos Alfred e Charles Booth na região Amazônica. Com uma frota superior a vinte navios e a inauguração do *Hidelbrand* estreando o trecho Liverpool/Manaus neste mesmo ano, a empresa Booth acabava de assumir a gestão da empresa *Iquitos Steamship* localizada na região de Loreto, na Amazônia peruana.

A coincidência com a crise da borracha poderia ter influenciado na tentativa de potencializar ao máximo as diversas fontes de recursos financeiros que poderiam auxiliar na recuperação destes investimento. Deste modo, a origem dos lugares turísticos amazônicos podem estar associadas às ações imperialistas de um grupo específico de atores. Deste modo, não são apenas os conquistadores, naturalistas, comerciantes e missionários que se interessam pela Amazônia mas também turistas sedentos pelos lugares inventados. Esta talvez seja uma das principais lógicas para a invenção dos lugares turísticos manauaras por parte desta empresa. Arelado à isto, havia diferentes contextos que influenciavam no aumento dos fluxos de visitantes.

Ao mesmo tempo em que a política de embelezamento de Manaus, associada com o aumento do tempo livre e do poder de compra, possibilitava as viagens dos turistas na Amazônia, quatro outros aspectos foram fundamentais na consolidação da acessibilidade, inserindo a função turística no espaço urbano manauara. O primeiro deles foi a abertura de alguns rios Amazônicos à chegada dos grandes transatlânticos internacionais; Em segundo momento, o avanço da medicina tropical representa igualmente uma fase do processo de turistificação, tornando Manaus cada vez mais acessível pela redução dos óbitos causados pelas epidemias tropicais; a inserção dos bondes urbanos na capital permitirá também a difusão dos lugares turísticos através de um fluxo maior de pessoas, mercadorias e informações; E por fim, a chegada dos empreendimentos hoteleiros contribuíram em um outro aspecto da acessibilidade. Possibilitar os turistas habitar temporariamente na cidade.

Os cruzeiros marítimos para a Amazônia perduraram até o início da segunda guerra mundial (Pennington, 2009). Uma queda drástica destes turistas ocorreu por volta dos anos 40. Além da falta de turistas europeus, grande parte dos navios da empresa foram bombardeados, restando apenas quatro no final. O Hilary, apesar de ter sido atacado, acabou

sobrevivendo e passou a ser utilizado por diversas finalidades que não correspondiam mais com os objetivos principais de sua construção.

1.2.3. As imagens circulantes na definição dos lugares turísticos da belle époque

Uma das formas que encontramos para evidenciar a mudança de valor dos lugares amazônicos se constitui à partir da finalidade de utilizar fotografias das obras de embelezamento de Manaus no início do século XX. Consideramos que as imagens são omnipresentes na história do turismo local. Elas revelam detalhes não só da invenção dos lugares, mas principalmente da confirmação que novas práticas nos lugares representados já estavam em curso no período analisado. Para isto privilegiamos a utilização de cartões postais da cidade. A sua comercialização e circulação evidencia à valorização de um seletivo conjunto de lugares, representando um convite à floresta tropical. Agindo assim tentaremos retratar um pouco deste efeito das imagens na caracterização dos lugares turísticos.

Passeando pela feira da Ladra em Portugal, Gilberto Freyre⁸ encontra um material precioso sendo negociado por alguns comerciantes locais (Schapochnik, 1998 p. 435). Tratava-se de diversos cartões postais de Manaus enviados por imigrantes europeus ainda na época da Paris dos Trópicos. O imaginário produzido pelas imagens representava um convite à viagem. A paisagem urbana ali impressa e divulgada demonstrava que a política de higienismo tinha sido um elemento fundamental na produção de sua história turística, permitindo tanto a invenção dos lugares quanto a transformação das práticas dos viajantes.

A circulação dos postais inicia-se no Brasil em 1880, à partir da autorização por parte do ministério da agricultura, comércio e obras publicas. Segundo estatísticas oficiais (Schapochnik, 1998), entre 1907 e 1912 o correio havia coletado 57 876 202 cartões-postais e distribuído 81 963 858, em todo o Brasil. Para uma população que atingia 20 milhões de habitantes na época, percebe-se a popularidade deste instrumento de comunicação logo nas primeiras décadas de sua existência. Grande parte deste número pode ser associado ao isolamento físico que caracteriza parte das cidades brasileiras do início do século XIX. Deste modo a passagem do carteiro simbolizava uma aproximação não só com os lugares do fora do cotidiano, mas principalmente com pessoas distantes.

Os valores permitiam às diversas classes sociais fazerem circular as imagens por um preço bastante acessível. No caso de Manaus, cinquenta réis para os cartões postais mais simples e cem réis para o duplo cujo o destino fosse o território nacional. Para os cartões destinados aos países estrangeiros, o valor atingia até duzentos réis para os “bilhetes postais” com resposta paga (Almanach para 1906). Somente uma exigência era cobrada para tal valor. Eles deveriam ser postados em descoberto. Se os correios exigiam a inconfidencialidade da informação para baratear o custo de envio, indiretamente os cartões postais tornavam-se alvos fáceis dos olhares indiscretos por onde passava. O consumo de *souvenirs* da cidade estava assim iniciado, estimulando as bases para difundir o turismo popular na capital.

O mundo das imagens circulantes rapidamente se popularizou em Manaus. Nacionais ou importados, coloridos ou preto e branco, decorados ou simples, os cartões postais fascinavam a população. Estrangeiros, elites e imigrantes nordestinos atraídos pelo fausto da cidade eram os principais promotores de sua imagem. É neste fluxo e contrafluxo de viajantes que os cartões postais vão se consolidar como um objeto de conexão entre pessoas e lugares. Uma nova forma de comunicação se estabelecia, principalmente em uma época onde o analfabetismo era extremamente elevado na região. Diversas imagens cuidadosamente selecionadas e enviadas à estes que estão distante representava uma tentativa de compartilhar o gosto da viagem, o encanto com a cidade e a admiração pela paisagem local. As mensagens

⁸ Sociólogo, antropólogo e escritor brasileiro

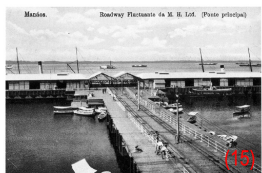
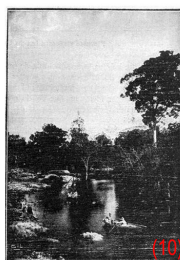
anexadas reforçava a subjetividade e a condição de existência do remente “Estou em Manaus e penso em você!”.

Na outra extremidade, a viagem virtual começava na mente do destinatário exatamente no momento de recebimento do cartão. É comum identificar nas fotografias postadas os lugares anteriormente narrados por estes que estão distante, criando assim um vínculo afetivo com a imagem recebida. A difusão destas paisagens para os diferentes continentes transformava tanto o olhar do destinatário quanto destes que por suas mãos o transportavam. Diversos preconceitos e concepções pejorativas à respeito da capital se desfaziam naquele momento, propondo assim novos espaços à vivenciar. Talvez este seja uma das justificativas para compreender que os lugares representados nos cartões postais acabam recebendo um fluxo importante de pessoas e visitantes. As imagens representadas nos postais se tornam muitas vezes objeto de uma busca incessante, tal como citado por Nelson Schapochnik “*O papel desempenhado pelas imagens postais se assemelha muito aos procedimentos da arte da memória tal como era preconizada pelos mestres retores da antiguidade. Para lembrar era recomendada a construção de lugares que deveriam corresponder aos fatos à serem memorizados.*” (Schapochnik, 1998, p. 426)

Três fases da viagem turística amazônica se decompõem à partir do efeito dos cartões postais. A primeira de uma viagem idealizada. Aqui o turista não sai na aventura em busca de novos lugares, mas sim pelo reconhecimento da paisagem e comparação com a imagem pré-concebida nos cartões. Em seguida inicia o tempo da viagem vivida, onde ele tenta estabelecer os vínculos com o lugar. A aquisição de novas imagens ou souvenirs dos lugares visitados caracteriza este momento. Por fim o relato destas viagens representaria uma fase de multiplicação e divisão dos sentimentos, objetivando estimular novos viajantes. Desta forma a localização das imagens postadas permite percorrer imaginariamente as praças, ruas, monumentos e bares visitados, criando assim um mapeamento dos lugares vividos.

Em Manaus, diversos postais ilustravam os contornos dos espaços urbanos, inserindo assim novas práticas nos lugares. Tal como ilustrado no mapa “lugares turísticos de Manaus até 1930”, a localização dos mesmos permitiam ilustrar os trajetos dos viajantes em busca da confrontação com as imagens circulantes. Algumas delas eram bastante populares e mostrava o esplendor da economia da borracha. Por isto limitavam-se as grandes obras de engenharia do centro urbano. O teatro Amazonas, Porto flutuante dos ingleses, prédio da Alfândega eram algumas delas. Além destes, outros cartões postais ilustravam a abertura de lugares periurbanos para a prática turística. O Miritizal e o Igarapé da Cachoeira Grande eram alguns deles.

Cartões postais comercializados em Manaus na primeira metade do século XX



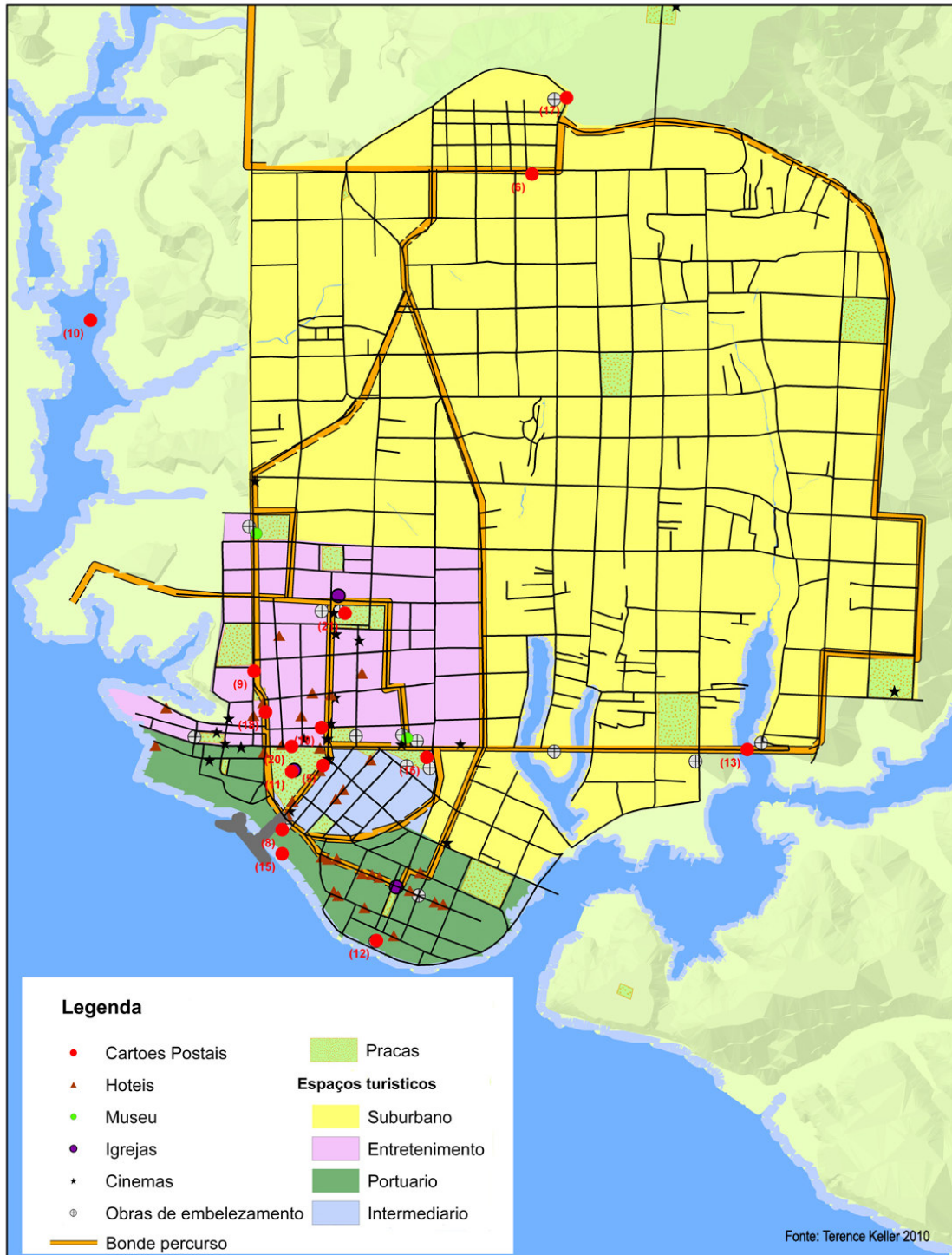
LEGENDA

- 5 - Av. Eduardo Ribeiro
- 6 - Boulevard Amazonas
- 7 - Casa de Maquinas
- 8 - Edifício da Alfandega
- 9 - Estrada Epaminondas
- 10 - Igarapé da Cachoeira

- 11 - Igreja de São Sebastião
- 12 - Mercado Publico
- 13 - Ponte de Ferro
- 14 - Ponte Igarapé da Cachoeira Grande
- 15 - Porto Flutuante
- 16 - Quartel Militar

- 17 - Reservatorio do Moco
- 18 - Rua da Instalação
- 19 - Rua Henrique Martins
- 20 - Rua Municipal
- 21 - Teatro Amazonas

Localização dos cartões postais em Manaus até 1930



Lugares turísticos no entorno de Manaus até 1930



1.3. As práticas espaciais na origem dos lugares turísticos Manauaras

O *1000 miles up the Amazon* atrai um público específico para Manaus e este fato nos permite afirmar que a inserção de uma função turística estava em curso na cidade, logo na primeira década do século XX. Na expectativa de tentar compreender o funcionamento e a dinâmica destes lugares, nossa pesquisa estará centrada nas práticas espaciais dos diferentes atores da *belle époque* manauara. Face a ausência de relatos dos primeiros turistas na cidade, evocaremos algumas pistas que caracterizem as práticas de lazer por parte dos diferentes atores que compunha o urbano da cidade. Seguindo as diferenciações dos modos de uso e dos significados espaciais, optamos por propor uma versão do turismo imaginado em uma cidade cosmopolita no interior da floresta Amazônica. Neste sentido nossa ambição tentará estabelecer os contornos de duas questões maiores. Se o boom da borracha criou uma cidade cosmopolita na floresta amazônica, como diferentes públicos vivenciavam os espaços da cidade? Aprofundando ainda mais esta interrogação, como o cotidiano e as formas de viver o espaço urbano por parte dos diferentes atores possibilitavam dar vida aos lugares turísticos manauaras?

Estes questionamentos visam evitar o posicionamento somente do ponto de vista da gênese dos lugares dissociado ao homem, mas principalmente nos atores de suas transformações. Partindo de um princípio que somente os atributos físicos não são os únicos responsáveis pela turistificação (Equipe MIT, 2002), as práticas espaciais dos atores serão atributos necessários para compreender o fenômeno da turistificação Amazônica. Deste modo, iremos demonstrar que, apesar da inserção de políticas inflexíveis aos tradicionais comportamentos de sua população, os lugares manauaras eram frequentado por classes sociais diferentes com intencionalidades e práticas diferentes. É observando este cruzamento das formas de viver os objetos espaciais que poderemos estabelecer pistas à respeito do funcionamento dos lugares turísticos da chamada Paris dos Trópicos. Pretendemos assim além de reconstituir reflexões à respeito de sua utilização por parte dos turistas, propor uma tipologia espacial em função de atributos identificados durante nossa análise.

1.3.1. As diversões da elite nos tempos da belle époque

As reformas urbanas empreendidas durante o boom da borracha desperta novas formas de vivenciar os lugares. O porto da cidade se torna para a elite de Manaus um dos lugares iniciais do processo de transformação dos modos de vida. Tendo em seus cais navios portando bandeiras de diferentes países, ele adquiria a postura de um palco de representações onde eram encenados os símbolos da europeização que chegavam na cidade. Este fato atraía a visitação pública ora para contemplar as primeiras novidades vindas de outros continentes, ora para reafirmar uma condição de hierarquia social, ora como um lugar de socialização entre os seus semelhantes.

As famílias tradicionais costumavam assistir a missa na igreja Matriz as dez da manhã por serem as mais chiques. Segundo pesquisa desenvolvida por Maria Luiza Pinheiro (1999) as donzelas vestiam-se em gases com musselinas brancas. Os chapéus e sombrinhas rendadas protegiam do sol escaldante da floresta tropical. Os maridos também muito bem alinhados com as últimas tendências da moda acompanhavam suas esposas. O passeio no porto e presenciar o atracamento do vapor Lloyd eram acontecimentos sociais remarcáveis, inclusive acompanhado pelo som das orquestras com canções européias e músicos muito bem vestidos.

Trabalhadores menos favorecidos cruzavam igualmente as pontes que conduziam aos cais dos navios. Porém eles passavam despercebidos aos olhares dos burgueses em estado de afirmação social. A rica sociedade que transitava também neste lugar estava mais preocupada com as roupas portadas pelos passageiros, pelas novidades e acontecimentos sociais trazidas, pelas personalidades que ali desembarcavam do que qualquer outro fato que desviassem à atenção da curiosidade pelo requinte. Em seguida uma volta na linha dos Remédios (De Mello, 1984) resumiam o percurso destes na prática do lazer.

A segurança parecia estar atenta para todos aqueles que tentassem romper com as belas impressões no primeiro lugar de chegada na cidade. O jornal do comércio deixava o sarcasmo das crônicas policiais do dia 27 de agosto de 1908 recheiar o imaginário de um porto seguro para aqueles que costumavam frequentar este lugar “*O cosinheiro Manoel Severo Bomfim, numa irrefreável expansão da cachaça, que havia ingerido, tentou hontem espancar a quantos transitavam pelo roadway da Manáos harbour. Em tempo, porém, foi esse ferrabraz socorrido pelo agente Medeiros, que por ali passava, e que o levou para a primeira delegacia, onde o melro ficou detido. Outros dois de igual jaez do precedente também foram lhe fazer companhia no xadrez da primeira, são elles os italianos Raphael Montezan e Vicente Massafarro, desordeiros de marca*” (Junior, 2007). No processo de ordem, modernização e embelezamento da cidade, o controle dos abusos era severamente reprimido pelas autoridades.

A elite beneficiada dos seringais desfrutava também das óperas e balés clássicos vindas da europa diretamente para o teatro Amazonas. Este ícone da modernidade manauara representava o empenho da rica sociedade local na manutenção de suas posturas. Além disto, o Teatro revelava uma aproximação destes indivíduos aos valores que garantissem a dissiminação das formas burguesas de divertimento e ostentação (Daou, 2000 b). O teatro se tornava inclusive objeto de concorrência entre as elites de Manaus e Belém. Diversas peças líricas, saraus artísticos musicais, orquestras, grupos de jazz, entre outros se passavam ali, alimentando as disputas com o Teatro da Paz que era também um símbolo de ostentação da elite paraense.

Os bares e botequins estavam presentes no entorno e muito bem frequentados por homens de paletós e mulheres vestidas conforme a moda européia. Constantemente as carruagens, bondes e automóveis vinha depositar os membros das ricas elites manauaras em busca de um espaço para encenar seus hábitos de consumo e extravagância. Alguns cabarés,

clubes carnavalescos e noturnos faziam objeto do prazer da burguesia da belle époque. Outros teatros menores surgiram também na cidade, como o teatro Providência, Eldorado, Phenix e o Beneficente Português onde eram encenados peças nacionais e internacionais (Costa, 1996).

O cinema se instalava na capital como uma nova opção de lazer e entretenimento. Sua aparição na cidade é evocada à 1897 por Selda Costa (1996) e que aos poucos passou a concentrar toda a vida social e artística da população manauara. Enquanto que na Europa e em algumas cidades brasileiras as camadas populares faziam o público que apreciava a modernidade das imagens que mexem, o valor do bilhete afastava inicialmente os menos privilegiados de sua estréia no teatro Amazonas. O cine Rio Branco e Odeon, ambos próximos ao largo de São Sebastião eram os preferidos para o encontro da burguesia local.

Para agradar os clientes as salas de cinema eram decoradas com motivos europeus. O buffet e as bandas de música completavam o desfile das elegantes senhoritas em busca de olhares. Frequentemente elas ocupavam as cadeiras mais estratégicas para serem percebidas. Os chapéus com plumas usadas pelas donzelas eram constantemente alvo de críticas por parte daqueles que estavam atentos as cenas dos filmes. Apesar do calor, os cavalheiros compareciam em smocking ou em terno de linho branco.

Pelo seu tamanho e população, Manaus oferecia uma grande variedade de divertimento. De acordo com uma reportagem publicada pelo jornal *o Grande Anunciador* em 12/12/1910 e citado por Selda Costa (1996), Manaus com seus 50 000 habitantes contava com cinco “casas de diversão”, uma para cada 10 000 pessoas. Lisboa com uma população dez vezes superior possuía 60 casas de espetáculos (média de 1 para um pouco mais de 8 300 habitantes) e o Rio de Janeiro com 800 000 almas atingia 96 casas. Toda efervescência cultural se instalava em Manaus. Algumas delas exibiam filmes e tinham espaço para encenações de peças teatrais. Muitas vezes haviam tantas casas de espetáculos que os próprios empresários queixavam-se da falta de público em função da enorme concorrência que surgia entre tais salas.

Houve assim uma tendência da diminuição da platéia e conseqüentemente uma popularização dos preços dos ingressos. Pouco tempo mais tarde o gosto revelado pelas elites não demora muito para contagiar as classes populares. Até então as projeções eram realizadas em hotéis, feiras, arraiais, confeitarias, circos, praças públicas e alguns bares. Aproximadamente dez anos foram necessários para a magia das imagens em movimento adquirirem os primeiros lugares fixos de exibição na cidade.

A organização de eventos esportivos eram também ações estimuladas principalmente por parte dos estrangeiros. Surgem assim os clubes sociais e esportivos como o Bosque Club dos Ingleses, o Rudder Clube dos Alemães, os clubes portugueses. Novas formas de lazer aparecem, sendo frequentes as referências nos jornais de saídas de passeios em lanchas ou viagens de recreio nos rios do entorno de Manaus. Os igarapés adquirem também a função de lazer através da realização das práticas dos esportes nauticos (Daou, 2000 a). Novos estilos de vida e práticas promovidas pelas elites manauaras começam a aparecer na capital, principalmente nos espaços urbanos e periurbanos da cidade.

Por iniciativa de um grupo de comerciantes, o velódromo do bairro da Cachoeirinha é inaugurado em 1899, chegando a ser um dos maiores do Brasil (Mota, 2008). Diversos atletas nacionais e internacionais competiam nos torneios organizados pelas elites locais. Iniciam-se também os campeonatos de atletismo e ciclismo ora desafiando a distância à ser percorrida, ora velocidade máxima a ser atingida. A enorme popularidade e o entusiasmo dos atletas, faziam a euforia das classes mais favorecidas. Surge poucos anos mais tarde o Parque Amazonense, inaugurado em 1906 pelo então governador Constantino Nery e Adolfo Guilherme Lisboa. Seu terreno pertencia a um português residente em Manaus, nos limites do atual bairro de Adrianópolis. O projeto associava um hipódromo para atender aos interesses da elite manauara e um campo de futebol estava igualmente previsto. Vários campeonatos

entre cearenses e amazonenses são organizados, principalmente à partir de 1918, demonstrando a popularidade deste espaço e a forte presença de imigrantes nordestinos que chegavam na capital.

Com os planos de embelezamento da capital, a chamada “Manaus Moderna” passa a ser apropriada pela burguesia como um lugar privilegiado da distinção (Daou, 2000 a). Seja ela ligado à facilidade de acesso aos bens e serviços europeus, ou pelo contato com comerciantes e viajantes internacionais que davam um caráter cosmopolita à cidade. Novos formas de praticar os lugares são portanto inseridos pelas elites na expectativa de favorecer o encontro social entre os seus semelhantes. Suas ações possibilitava aos viajantes europeus reproduzir seus modos de vida no interior da floresta tropical, permitindo assim inserir novas funções nos lugares manauaras. Porém se esta mesma elite ditava o comportamento das camadas mais pobres da sociedade, como a chamada “Manaus Moderna” era praticada por outra classe social?

1.3.2. As diversões populares e a multi-funcionalidade dos lugares manauaras

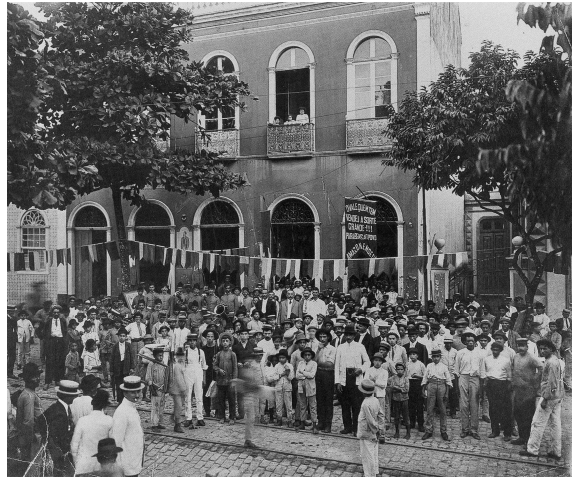
Com a chegada da política de higienismo na Manaus da belle époque, algumas mudanças nos modos de vida da população começavam a ser percebidas. A imposição de um modo de vida civilisatório e preconceitos morais modernos se tornavam a sina de uma cidade civilizada e moderna. A exigência de mudança de posturas das populações do núcleo urbano conseguia aos poucos alterar os modos de vida e práticas que poderiam estar associadas com o lazer. Tais decisões inibiam hábitos e saberes locais em detrimento de um modelo civilisatório muitas vezes espelhados nos hábitos europeus. Mesmo que ele tenha sido um dos alvos da política de higienismo, alguns indícios revelam que as tentativas de mudar os *modos vivendis* das camadas populares locais já haviam iniciado antes mesmo da instalação da província do Amazonas (Mesquita, 2009). As críticas portadas pelos viajantes naturalistas revelam que este processo já estava em curso.

Para as camadas populares, os jogos e as brincadeiras nas ruas eram uma das primeiras atividades à serem vigiadas por parte da polícia local. Principalmente estes que poderiam danificar a iluminação pública ou as linhas telefônicas que estavam sendo instaladas na cidade. Outros como os jogos de tabuleiro, como a rasa, o bilhar e o quino ficaram também controlados, principalmente se envolvesse apostas. A justificativa argumentada era que os jogadores perdiam todo o dinheiro conquistado nas longas jornadas de trabalho, deixando suas famílias condenadas à fome e a mendicância pela cidade (Pinheiro, 1999).

Algumas práticas tradicionais como tomar banho nos igarapés, caçar, pescar e transitar com animais nos passeios das ruas, assim como lavá-los nos igarapés também estavam na lista das atividades populares à serem severamente proibidas. Para os indivíduos que andassem embriagados pelas ruas o valor da multa seria de cinco mil-réis ou de dois dias de prisão. Se acaso este não tivessem meios de financiar a multa, os dias de prisão seriam multiplicados por dois (Mesquita, 2009). Inclusive na expectativa de restringir o consumo de bebidas alcólicas, os espaços de consumo, tais como bares, quiosques, botequins entre outros estavam sujeitos a horários de funcionamento (Pinheiro, 1999). O que muitas vezes podia ser uma alternativa de lazer para escapar das longas jornadas de trabalho, passa a ser cada vez mais controlado na tentativa de instalar um novo modelo civilisatório.

Se o jogo e o álcool associava Manaus com a criminalidade a ser combatida, andar nú ou indecentemente vestido, estava previsto nos quadros das proibições. Para uma população composta por grande parte de decedentes indígenas, a pena de vinte mil réis ou cinco dias de prisão eram aplicadas naqueles que fossem flagrados tomando banho nú nos igarapés da cidade, por exemplo. Inclusive no processo de embelezamento, diversos deles foram aterrados, dando origem não só aos problemas de abastecimento de água, mas principalmente na inibição de algumas práticas de lazer das camadas populares de Manaus.

Além de servirem como fontes domésticas de água, os igarapés haviam a função de permitir a sociabilidade e mesmo entretenimento com as tarefas do cotidiano. Era comum na época a presença de lavadeiras de roupa nestes lugares comentando os últimos acontecimentos da cidade. Igualmente grupos de pescadores em busca de sobrevivência ou mesmo de um passatempo para quebrar a rotina das atividades diárias. Crianças se divertindo nas águas e nas canoas usadas por seus pais. Inclusive várias festas populares aconteciam nos igarapés, demonstrando assim uma desapropriação do espaço anteriormente usado por estas classes sociais.



Festividade na rua de Manaus
Huebner & Amaral, 1902-1908

Não havia somente uma abundância de natureza e de águas limpas nos igarapés, mas também de tempo para o ócio (Oliveira, 2003). As novas condições de vida urbana exigiam que tudo isto se perca ou se desloque para outros lugares no processo de modernização e refuncionalidade da cidade. Para cada igarapé aterrado no centro da cidade, os moradores passavam a reproduzir suas práticas de trabalho e lazer nestes localizados fora do perímetro urbano. Alguns igarapés mais afastados começam a adquirir novas funções. A cachoeira do Tarumã se torna ainda mais presente na vida dos moradores locais para banho e prática do piquenique, por exemplo.

Para uma população majoritariamente analfabeta a leitura não era a opção de lazer preferida. O preço proibitivo dos melhores teatros e cinemas dirigia as camadas populares para os centros de diversões mais acessíveis. Alguns espetáculos teatrais em hotéis baratos e circos animava parte deste público. As corridas de touro no Coliseu Amazonense, carrossel de cavalos no recreio Ajuricaba eram os preferidos (Costa, 1996). Mesmo que o código de posturas exigisse licença da municipalidade para que elas pudessem ser realizadas, os arraiais populares e as festas juninas estavam sendo organizadas em diferentes lugares da



Carnaval na avenida Eduardo Ribeiro
durante o boom da borracha

Fonte: Collier, 1968

cidade. Algumas atividades esportivas e culturais eram também promovidas pela associação dos trabalhadores de Manaus, por exemplo.

As missas de domingo representavam o momento de utilizar as melhores vestes disponíveis no armário. As mulheres em multicolorido (Wallace 1849, 1939) abandonavam suas atividades domésticas e os homens portando terno e gravata contrastava com as velhas camisas e chinelos do cotidiano das horas de trabalho. Das missas aos almoços dominicais nas casas de amigos e familiares completava a diversão. O passeio de bonde vinha em seguida. Este símbolo da modernidade dava um outro ritmo ao passeio das classes populares nos contornos da cidade. Um ganho maior de mobilidade entre os principais lugares do modernismo manauara foi possível graças à sua chegada.

As praças públicas eram também alguns destes espaços símbolos do modernismo manauara onde as elites e as camadas populares se cruzavam. Suas decorações e belos jardins cuidadosamente preparados eram exemplos de um processo civilizatório à partir da tentativa de associar uma natureza controlável no centro urbano. Diversas famílias apreciavam deste ponto os ensaios e apresentações das magníficas bandas do Regimento Militar do Estado. Mágicos, ilusionistas e ginastas complementavam as opções de lazer principalmente na praça dos remédios

Com a abertura da mais bela avenida da capital, a Eduardo Ribeiro se torna também um espaço de trânsito das camadas populares e dos imigrantes que chegavam na cidade. Segundo pesquisas desenvolvidas por Paulo Marreiro Junior (2007) esta avenida escondia pensões encobertas por belas fachadas arquitetônicas e que respeitavam o Código de Posturas de 1890. Nestes lugares habitavam trabalhadores populares que eram empregados nos comércios locais. Observando o aparecimento destes tipos de residências no centro da Paris dos trópicos percebe-se que, se a política “modernizadora” não conseguia expulsar totalmente os pobres das áreas centrais, ela tentava escondê-los, deixando-os fora de um olhar refinado portado pelas elites locais. Dois fatores reforçam esta idéia.

O primeiro refere-se a estratégia de resistência por parte destas populações na região portuária. O código de posturas exigia acabar com as casas de barro e cobertas de palhas nos bairros Espírito Santo, Remédios e São Vicente, incluindo uma grande parte da orla do rio. Neste local estava ocorrendo a construção de um novo porto, sendo necessários várias desapropriações nas ruas Monteiro de Souza e Vivaldo Lima (Pinheiro, 1999). Surgem assim os cortiços, alberges, pensões e estâncias ocupada por estivadores e populações que trabalhavam nos portos. Deste modo, mesmo com políticas repressivas, a Paris dos trópicos estava condenada a inserir ricos e pobres em uma mesma zona de embelezamento.

O segundo se dava pelas dificuldades de acesso. Mesmo que houvesse o bonde, o funcionamento do mesmo se dava todos os dias à partir das seis horas da manhã (De Mello, 1984). Para as populações pobres que habitavam fora do perímetro atendido por este transporte, tornava relativamente difícil desembarcar as mercadorias dos navios que chegavam antes dos primeiros raios solares. Muitas vezes os capatazes escolhiam os trabalhadores meia hora antes do início da jornada (Pinheiro, 1999), portanto, estar no porto bem cedo era fundamental. O valor da passagem dos bondes em comparação com os salários que recebiam, influenciava no seu uso diário.

De certa forma, a região portuária passava a representar o local de encontro de diferentes públicos. A presença de estivadores, carroceiros, ambulantes, prostitutas, entre outros, transformava este espaço de trabalho durante o dia para a função de prazer noturno. Uma imagem de área degenerada e perigosa começava a ser cada vez mais presente, principalmente nos jornais que a classificavam de “Zona estragada de Manaus” (Pinheiro, 1999). Ali se passava tanto os pontos de encontros com as meretrizes, quanto os bares e botequins configurando um espaço de lazer popular. Segundo pesquisas desenvolvidas por Paulo Marreiro Júnior (2005), é a partir de 1910 que as crônicas policiais passam a retratar

áreas da cidade específicas à concentração de prostitutas, portanto com uma ostensiva vigilância por parte da polícia.

O mapa abaixo foi elaborado com base em pesquisas desenvolvidas por Maria Luiza Pinheiro (1999) e ilustra a chamada “Zona Devassada” categorizada na reportagem do jornal *O Chicote* de 22 de março de 1914. Nestas partes da cidade concentravam diversos cortiços, hotéis e pensões bastante populares junto as camadas pobres da cidade. Muitas delas reuniam indivíduos de diversos estatutos sociais, tais como a Pensão da Mulata e o El-dorado por exemplo. O valor da “dormida completa” realizada em qualquer pensão local podia atingir até 10\$000 com direito a charuto na saída (*O chicote*, Manaus 22 de fevereiro de 1914). Se a média de salário na época girava em torno de 6\$000 à 8\$000 diário, presume-se que grande parte delas deveriam ter uma rotatividade forte nos finais de semana ou nas datas de recebimento dos ordenados. Observando o mapa é possível perceber que mulheres de baixo meretrício vagavam por entre as ruas da cidade em busca de alguns clientes. As praças, esquinas, ruas e botequins locais representavam os pontos de encontro. Eram prostitutas nomades que perambulavam pela cidade, sempre procurando novos clientes, moradias e melhores condições de renda.

Se de um lado as regiões populares se tornavam o espaço do encontros disfarçados por parte dos viajantes e trabalhadores menos favorecidos que por ali circulavam os hotéis El Dorado, Cassina e do Comércio permitiam revelar o encontro dos gentis cavalheiros do boom da borracha com as belas meretrizes européias. Com o boom da borracha não só as meretrizes locais e nacionais despertavam a atenção no fausto da cidade, mas também as exóticas européias com destaque às polonesas e francesas. Algumas delas tornavam bastante lucrativas as casas de diversões, como era o caso dos hotéis acima apresentados. A popularidade era tão grande que a imprensa acusava-as de dissolução dos costumes morais da cidade afastando os pais e os jovens das reuniões familiares. Observando os encontros nestes hotéis, podemos compreender que a prática da prostituição era também presente junto elites que frequentava a Paris dos Trópicos.

Autoridades e representantes da classe burguesa local e de outras regiões eram clientes assíduos destas “casas dos prazeres”. Diversas formas de sociabilidade e muitas das decisões políticas se passavam nestes ambientes. Alguns deles se entregavam de tal forma aos prazeres mundanos que todos os centavos conquistados nos seringais ficavam ali investidos. No livro *The river that god forgot. The story of the Amazon rubber boom*, Richard Collier (1968) relata sua impressão à respeito da prostituição em Manaus no início do século XX. Algumas referências demonstram tanto a existência de redes de prostituição na época,

Valores praticados pela prostituição em Manaus segundo as ruas em 1914



Fonte: Adaptado de “*O Chicote*”, Manaus, 22/02/1914

quanto os atributos que determinavam os valores dos programas. *“There was a darker side to this. Whole sections of the city – Itamaraca Street, Joaquim Sarmiento Street, Epaminondas Avenue – were given over the brothels whose daily newspaper advertisements unblushingly described them as “pensions – service french style”. Opening for trade at 4 pm, their tariff rates for new inmates were as rigid as a customs’ shed: for an evening with a thirteen year old polish virgin, imported from Warsaw by agents making once-yearly trips, the fixed market-price was £70. But “moth-girls” who had become the reigning queens, such as “Trinidad” with her bolero hats and her little black poodle Zizi, could command price all their own. One night’s pleasure might cost a client a £ 1,500 diamond necklace. To offer too little was to risk a girl scornfully snatching a £ 100 note to light her cigarette.”* (Collier, 1968, p. 25)

Um impasse acabava de ser criado. Dentro da política de higienismo⁹, (Dias, 2007), os hotéis e hospedarias que dessem abrigo às prostitutas no perímetro urbano, estariam sujeitos ao pagamento de 10:000\$000 anual¹⁰. Na teoria, as meretrizes deveriam ser distanciadas gentilmente para fora do centro urbano, exercendo suas atividades em lugares mais afastados. Na prática, as vistas grossas por parte das autoridades permitiam o funcionamento destas casas, permitindo manter em dia o pagamento dos impostos¹¹.

1.3.3. Da chegada dos hotéis aos contornos dos espaços turísticos.

Seguindo este raciocínio é possível interpretar os espaços urbanos de Manaus - durante o boom da borracha por sua diversidade de pessoas, culturas, práticas e significados. Os comportamentos destes atores que constroem o urbano nos permite mostrar uma pluralidade de intenções dinamizadoras dos lugares. Os hotéis terão um papel, representativo não só para possibilitar uma moradia temporária, mas principalmente para definir o funcionamento dos lugares turísticos. É deste modo que tentaremos interpretar a presença destes empreendimentos na possibilidade de refletir a pluralidade dos seus clientes e principalmente, a diversidade de suas intenções na visita à capital.

Os hotéis de Manaus serão um dos pontos de ancoragem principais para a compreensão do funcionamento dos lugares turísticos da cidade. Tal como ilustrado no mapa, a área urbana de Manaus, era formada por um núcleo central criando um plano quadrangular. Ao norte um pouco abaixo da vila municipal, começava o limite com a avenida Boulevard Amazonas, conhecida também como avenida Senador Alvaro Maia. Ao sul a forma do centro urbano acompanhava o percurso do Rio Negro. Nas margens leste e oeste os respectivos igarapés da Cachoeirinha e da Cachoeira Grande fixava os contornos da cidade.

Com as políticas de embelezamento da capital, o boom da borracha acelerando os investimentos na cidade e principalmente com o aumento do fluxo de visitantes, começam surgir algumas estruturas de hospedagens na cidade. Segundo relatos de viajantes e pesquisas desenvolvidas por diferentes autores, entre meados do século XIX início do XX, percebe-se

⁹ Lei n° 388, de 31 de dezembro de 1904 - perímetro compreendido pelas ruas Visconde de Porto Alegre, Leonardo Malcher até a margem leste com o Rio Negro.

¹⁰ Código de Posturas do Município, 1910. Capítulo XII. Conveniência e Moral Publica. Biblioteca Pública do Estado do AM. In. JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. *Pobreza e prostituição na Belle époque manauara: 1890 – 1917*. Revista de História Regional 10(2):87-108-, Inverno, 2005. Obra citada p. 97.

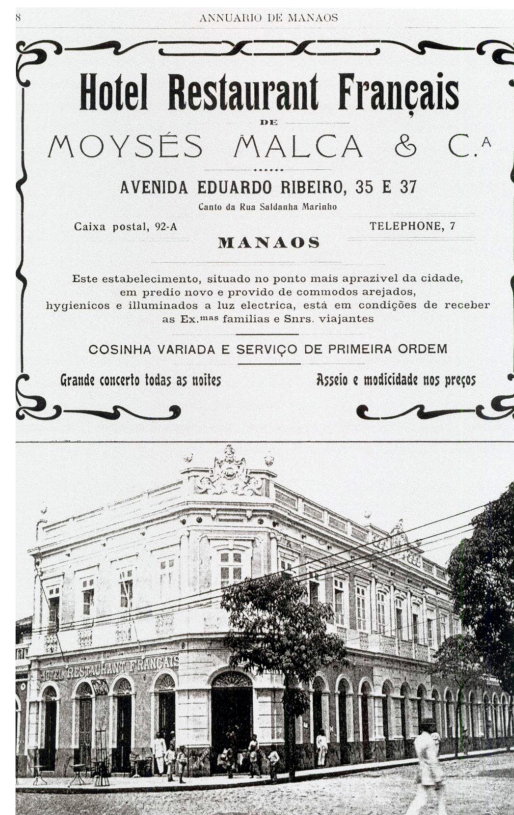
¹¹ A prostituição era de certa forma tolerada na cidade. Percebia-se que muitas vezes as prostitutas das ruas de Manaus não eram presas pela prática da prostituição, mas por atos indecentes no público (Junior, 2005). Normalmente as baixarias seguidas por embriaguez, agressões, lesões corporais e furtos que colocasse em risco a ordem local e a moral pública justificava a ação de encarceramento por parte da polícia municipal. Observando o artigo 148 do código de postura, era proibido as meretrizes de conversarem nas janelas com os transeuntes, sob pena, de multa de 50\$000 - Portanto, quanto melhor a discrição, mais referenciados eram os comportamentos e isto representava uma estratégia de aceitação social.

uma evolução representativa dos empreendimentos hoteleiros locais, tanto em termos de categorias, quanto do número de estruturas disponíveis.

Algumas narrativas demonstram que estas estruturas se iniciaram com residências particulares, onde os moradores locais alugavam quartos para os hóspedes que porventura passava por Manaus. Pouco tempo mais tarde surgem, as pensões que serviam para abrigar temporariamente os imigrantes, principalmente nordestinos, destinados aos seringais do rio Solimões e afluentes. Os nomes de alguns como o Hotel Protetor dos Seringueiros na rua da Instalação e o Hotel Cearense próximo ao mercado Adolfo Lisboa sugerem o público a que se destinava os empreendimentos¹². Em seguida percebe-se a chegada de estruturas mais sofisticadas, visando atender as exigências de um público mais seletivo, muitas vezes representadas por estrangeiros, autoridades e burgueses nacionais. Os hotéis Cassina, Français e Grand Hotel, são alguns destes exemplares.

A literatura não permite saber exatamente quando foi instalado o primeiro hotel da capital. Mas os anúncios de jornais, documentos oficiais e guias turísticos sugerem alguns indícios que entre 1877 e 1900 aproximadamente trinta meios de hospedagens já haviam sido instalados em Manaus (Duarte, 2009). Percebe-se que muitos destes hotéis surgiram coincidentemente no período de inauguração das grandes construções e obras de embelezamento da belle époque manauara. Observando a localização das mesmas é possível pensar que uma influência gravitacional atraía para a proximidade das grandes obras de embelezamento, os primeiros empreendimentos hoteleiros inaugurados na cidade. Se observado sob a ótica da concentração, a maioria dos hotéis situava-se na área comercial de Manaus, delimitada pela avenida Sete de Setembro, com o Igarapé de Manaus, fechando o limite quadrangular com o Rio Negro.

A acessibilidade também era um fator fundamental na escolha dos locais de abertura dos empreendimentos. Tal como ilustrado no mapa lugares turísticos em Manaus de 1920, grande parte dos hotéis inaugurados até 1900 privilegiavam as ruas Miranda Leão, Instalação, Marquês de Santa Cruz e a avenida Eduardo Ribeiro para erguer suas estruturas. Todas estas vias de conexões da rede urbana eram percorridas pelo bonde diversas vezes ao dia. Seus contornos pela cidade, suas idas e vindas aumentava tanto a acessibilidade ao empreendimento, quanto o conforto e a mobilidade dos hóspedes pelas ruas da cidade. Já para os clientes que optavam pelos hotéis fora deste percurso, poucos passos eram necessários para encontrar os



Publicidade do Hotel Restaurant Français

Fonte: Anuario de Manaus, 1913-1914

¹² Com poucos recursos, viam-se compelidos à hospedar-se nos hotéis de 3ª categoria, para onde eram « arrastados » pelos « rebocadores », pessoas contratadas por aqueles estabelecimentos para, ainda nos vapores, agenciarem hóspedes – mensagem do governador do Estado do Amazonas, sr. Antonio Constatino Nery, de 10 de julho de 1905, vol. 2, p. 142-3 (relatório da chefatura de segurança pública do Estado). In Pinheiro (1999)

caminhos seguidos pelo bonde. Além disto, grande parte destes hotéis estavam localizados nos entornos das principais praças públicas e obras arquitetônicas construídas no final do século XIX e início do XX.

Um primeiro exemplo desta relação é o perímetro formado pelo Porto de Manaus, passando pela Praça do Remédio e chegando na Praça Monte Cristo. Aqui conceituado como espaço turístico portuário, onde abrigava duas obras importantes para a cidade. De um lado o Mercado Adolfo Lisboa inaugurado em 1883 e de outro o Palacete Nery de 1899. No entorno existiam uma grande concentração de meios de hospedagens com categorias bastante diversificadas. Muitos destes eram destinados aos imigrantes recém chegados na capital e que deveriam partir em poucos dias para as regiões de seringais. No caso inverso, eles serviam para estes que visava retornar para sua região de origem. Alguns destes hotéis ofereciam apenas o quarto para aluguel. Outros, como era o caso do Hotel da Madama na rua Miranda Leão, possuía acomodações bem arejadas, bons banheiros e quintal para o recreio dos hóspedes, estes endinheirados pelo boom da borracha. Até bebidas e produtos europeus era possível encontrar neste hotel.

Suas localizações eram estratégicas na captação de clientes. Para os viajantes recém desembarcados pelo porto de Manaus e em busca de estadia temporária, bastava descer poucos metros até a rua Miranda Leão. Mesmo para aqueles que buscavam trabalho no porto ou no mercado Adolfo Lisboa, este eixo era uma opção interessante. As diversas categorias de empreendimentos ali existentes faziam acirrar os preços praticados no mercado. Inclusive uma forte prostituição marcava estes espaços, principalmente por meretrizes nacionais e locais que perambulavam por estas ruas em busca de alguns trocados vindos dos seringais¹³.

Para o público interessado em uma outra atmosfera, diversos hotéis estavam dispostos no entorno da Praça Osvaldo Cruz, à partir do ângulo formado com a Avenida Eduardo Ribeiro. Esta artéria, construída sobre o aterro do Igarapé do Espírito Santo, permitiu uma valorização da região, principalmente com a expectativa de inauguração do prédio da Alfândega em 1908. Estar localizado próximo à este símbolo da modernidade manauara, nos entornos da igreja Matriz e de uma das praças mais atraentes da capital era pretexto não só para os viajantes, mas também para a fixação de alguns hotéis. Três deles se instalaram rapidamente logo nos primeiros números subindo a bela avenida Eduardo Ribeiro.

Para a definição deste espaço turístico intermediário, seus limites estendiam para a margem oposta onde se encontrava o palacete e o tesouro público provincial. Ambos inaugurados entre 1880 e 1990 fechando assim o polígono com a Praça Heliodoro Rabi. Diversos hotéis se instalaram neste espaço com destaque para a rua Guilherme Moreira entre as Praças Riachuelo e Tenreiro Aranha. O posicionamento deste espaço tinha a função de gradiente, diminuindo as tensões sociais que caracterizava o espaço portuário. Poucos passos eram necessários aos hóspedes para acessar toda a vida cultural da cidade. Diversos bares, livrarias, restaurantes e mesmo símbolos da modernidade manauara como o teatro Amazonas e o palácio da justiça estavam conectados à Avenida Eduardo Ribeiro. Várias casas de aviamento, transporte e comércio de um modo geral também se encontrava neste espaço, o que representaria uma comodidade para os viajantes que estivessem à trabalho ou mesmo a lazer, e que procurassem uma melhor relação custo/benefício.

A medida que nos afastamos da região portuária no sentido sudoeste/nordeste sentia-se uma diminuição da presença de hotéis e aumentava o número de moradias populares até os limites com o Boulevard Amazonas. Neste espaço turístico sub-urbano foi planejado como continuidade do projeto urbanístico da área central (Oliveira, 2003) dotado de formas

¹³ *“Existem nesta capital alguns hotéis ou coisas que melhor nome tenham onde se acotovelam meretrizes, sendo que alguns desses estão situados em lugares muito frequentados pela população, tornando-se bastante difícil manter a moralidade que é preciso...”* declaração feita em 1898 por M.J. Castro e Costa – encarregado dos negócios da Justiça do Estado. In: (Dias, 2007, p. 149).

geométricas mais precisas como quarteirões retangulares dispostos linearmente. Alguns sítios estavam presentes nesta parte, juntamente com as ocupações por parte das hierarquias sociais mais simples cidade. Segundo o geógrafo José Aldemir Oliveira (2003), os lotes do bairro da Cachoeirinha, situado no limite com o centro da cidade, pertenciam ao patrimônio público estadual que foram concedidos para a ocupação. Nas definições, eles eram padronizados em 15x45 metros em ruas largas e muito bem delimitadas.

A abertura da ponte de ferro sobre o igarapé do Mestre Chico e a instalação da rede de bonde permitiu não só a ocupação destas áreas, mas também um maior acesso à algumas opções de lazer e entretenimento da cidade. Muitas vezes as praças públicas e as obras públicas deviam sentido ao percurso a ser seguido pelas linhas de bonde que se instalava na capital. As praças Rio Branco, Floriano Peixoto e General Carneiro ilustram os caminhos seguidos pelo bonde na Av. Sete de Setembro e suas extensões à leste pelas avenidas Carvalho Leal e Afonso Pena. Ao norte, o reservatório do Mocó e a Praça do Chile podiam também ser facilmente acessadas e seus contornos do trajeto se encontrava com o Boulevard Amazonas.

Partindo ao norte e saindo dos limites do Boulevard Amazonas, encontrava-se a Vila Municipal e a estrada de Flores. Nestes locais ficavam situadas as chácaras e as segundas residências das elites ligadas ao extrativismo (Oliveira, 2003). Esta área periurbana da cidade, podia ser facilmente acessada pelas linhas regulares de bonde e pode ter sido uma das justificativas da empresa Booth Line para inserir esta região nos pacotes turísticos promovidos. Propiciar um lugar de fácil acesso, longe da agitação urbana, com áreas de florestas e chácaras que permitisse aos clientes um maior contato com a natureza e banhos nos igarapés, justificando a escolha.

Descendo em direção sudoeste, a linha permitia rapidamente chegar na Praça 5 de Setembro, onde havia o instituto Benjamin Constant e igualmente à Praça de São Sebastião, onde estava localizado o teatro Amazonas e a praça Joaquim Osório pela bifurcação de caminhos. Estes limites poderiam ser considerados por sua dimensão intermediária para as práticas do lazer e turismo na Manaus no início do século XX. Belos exemplares de praças inauguradas antes de 1900 ornamentavam este espaço. Embora em menor quantidade, algumas construções remarcáveis como o reservatório do Mocó e o Instituto Benjamin Constant criavam a atmosfera de uma arquitetura imponente que se instalava no lugar. A recém inauguração de salas fixas de cinema como foi o caso do Recreio Amazonense (1906) na Praça Floriano Peixoto e pouco tempo mais tarde do cine-Manaus (1921) nas proximidades da Praça 5 de Setembro demonstrava os primeiros passos para a desconcentração das opções de lazer fora do core de entretenimento. Estes ícones que simbolizavam as reformas e modernidade da belle époque manauara podiam ser facilmente acessados pelas linhas regulares de bonde que por ali passavam diariamente. Com uma densidade menor de pessoas transitando pelas ruas era possível criar assim um outro espaço urbano para a prática do lazer e do turismo oposto ao core do entretenimento anteriormente representado.

Os melhores hotéis da cidade se localizavam no espaço turístico do entretenimento, delimitado pela rua 10 de Julho à partir da Praça de São Sebastião, estendendo até a avenida Sete de Setembro, chegando as bordas do Igarapé de São Vicente. Se este espaço, com excessão do suburbano, concentrava uma das menores densidades de hotéis da cidade, os empreendimentos que estavam presentes revelavam as estratégias para captar os clientes com melhor poder aquisitivo. O Hotel America, na rua Demétrio Ribeiro (Costa, 1996), fazia esporadicamente projeções de filmes, representando um enorme diferencial para os hóspedes, visto o mundo das imagens em movimento ser uma das mais novas invenções tecnológicas da época.

O Hotel Restaurant Français possuía também um enorme diferencial. Seu edifício de dois andares, havia sido construído em estilo rococó (Burns, 1966) na parte elevada da

Avenida Eduardo Ribeiro. Ele oferecia a eletricidade como um símbolo da modernidade e comodidade destinada aos hóspedes que muitas vezes eram formados por famílias e viajantes. Várias pessoas superlotavam as mesas do salão de jantar e a calçada do hotel nos finais de semana para apreciar o som da orquestra e degustar a culinária francesa.

O Grande Hotel da avenida Sete de Setembro, era igualmente remarcável. Situado às margens da praça Osvaldo Cruz, com uma enorme facilidade de acesso pelas linhas regulares de bonde. Este hotel ficou inclusive muito bem falado na época de sua inauguração por sua capacidade de hospedagem. Os dois andares com uma enorme estrutura de 150 quartos faziam deste empreendimento uma característica até então inédita no Brasil. Diversos funcionários muito bem vestidos estavam em prontidão no atendimento. Um restaurante com os melhores pratos e vinhos europeus estavam dispostos às famílias e viajantes em estadia temporária na capital.

Um terceiro hotel bastante popular entre os membros da elite era o Hotel Cassina, localizado nos entornos da Praça da República e bem próximo ao Palácio da Presidência, ambos inaugurados na segunda metade do século XIX. Este prédio de dois andares possuía sala de jantar, conjugando assim em um mesmo ambiente um espaço para festas e outro para o cassino. Mais tarde ele adquire a função de bordel e passa a abrigar algumas das famosas meretrizes européias que desembarcavam na cidade, influenciando na presença do público masculino.

Algumas características físicas dos espaços turísticos manauaras durante a belle époque

ESPACO	CARACTERISTICA DOS HOTELS	LUGARES QUE O CARACTERIZAVAM
PORTO	Diversificada e visava atender aos interesses dos seringueiros e proprietários dos seringais	Quatro obras remarcáveis da belle époque: Mercado Adolfo Lisboa, Palacete Nery, Porto fluvial e Prédio da Alfândega. Além disto existiam uma sala de cinema e três praças públicas
INTERMEDIARIO	Diversificada, porém destinada à um público em busca de uma melhor relação custo-benefício	Tesouro Público e o Palacete provincial no interior dos seus limites. Duas salas de cinema e três praças públicas.
SUBURBANO	Ausência ou pouco representativa em termos quantitativos	Palácio Rio Negro, Penitenciária, Reservatório do Mocó e a Ponte Benjamin Constant. Três salas de cinema e quatro praças públicas.
ENTRETENIMENTO	Poucos em termos quantitativos porém bastante representativo para as elites locais	Instituto Benjamin Constant, Palácio da Justiça, Teatro Amazonas, Palácio da Presidência, Biblioteca Pública, Palacete da Imprensa e Colégio Dom Pedro II. Doze salas de cinema e sete praças públicas
PERIURBANO	Quase inexistente com excessão de um Bungalow na bacia do Tarumã	Cachoeira do Tarumã, Encontro das águas, Vitória Régia, Cachoeira de Paricatuba e do Passarinho no Campo Salles.

Fonte: Própria

À respeito da prostituição e a hotelaria na cidade na época, tal como relatado, a política de higienismo obrigava todos os empreendimentos hoteleiros à enviar um controle diário do movimento de hóspedes à Secretaria de Segurança Pública (Dias, 2007). Neste

documento era informado todos os detalhes do livro de hóspede, independente da duração da estadia. Se de um lado o decreto municipal visava controlar a presença de prostitutas nos empreendimentos, ele permitia às autoridades locais estabelecer medidas de proteção tanto dos clientes, em caso de agressão, quanto da população local com a chegada destes novos visitantes. Porém indiretamente esta medida permitia formas de controle do fluxo de visitantes, auxiliando inclusive na cobrança de tributos por parte da municipalidade. Graças à este mecanismo e igualmente à movimentação de passageiros no porto de Manaus, foi possível conhecer algumas características deste público na época e que será melhor apresentado nos próximos capítulos.

1.4. O turismo manauara imaginado: Uma reconstituição das práticas

Apesar de toda tentativa política de implementar o higienismo e a segregação dos espaços urbanos, os diferentes lugares manauaras eram utilizados por populações e práticas distintas. A partir destas diversidades de intenções que nos apoiaremos para explorar algumas pistas à respeito de uma nova utilização dos tradicionais lugares da cidade. Se estes diferentes públicos são omnipresentes no processo de gênese dos objetos urbanos, os turistas serão centralizados como os principais atores históricos (Equipe MIT, 2002) do processo de turistificação. Operando um trabalho valorização seletiva dos espaços, as intencionalidades e as práticas dos turistas ao longo do tempo irão mostrar a evolução dos lugares sob a lógica da invenção turística.

Para isto estamos propondo um imaginário na expectativa de preencher uma lacuna. Face a ausência de relatos de turistas que permitam compreender as práticas destes atores na Manaus da belle époque, propomos uma interpretação subjetiva das percepções dos deste público pelas ruas da cidade. Agindo desta maneira, partiremos de uma definição de Jacques Lévy e Michel Lussault (2003), onde o imaginário geográfico contribui para organizar as concepções, as percepções e as práticas espaciais. Portanto, utilizar o imaginário no processo de reconstituição das práticas turísticas passadas permitirá ilustrar as qualidades dos lugares enquanto destino para os turistas estrangeiros.

Desta forma estamos nos posicionando na postura de um perceptor dos espaços em função da existência de diferentes lugares e práticas sociais. Na tentativa de captar a essência imaginada do turismo nos espaços amazônicos, privilegiamos dois métodos diferentes. O primeiro, que foi amplamente abordado durante o capítulo, tentando resgatar os processos de transformação dos lugares à partir dos atores, assim como suas práticas espaciais associadas. Em segundo momento, reconstituiremos um conjunto de imagens expressas por cartões postais que permitirão dar coerência não só à localização dos lugares, mas principalmente dar ritmo a narrativa.

1.4.1 A A imaginação das práticas turísticas como objeto de análise geográfica

A representação do espaço através de um trajeto imaginado, possibilita resgatar um modelo primitivo da organização dos lugares turísticos manauaras. Observando os fragmentos que retratam as realidades passadas, o espaço se torna não só o objeto das inscrições históricas, mas principalmente um campo de predileção do imaginário (Peylet, 1995) que estimulam nossa percepção atual. A geografia neste momento oferece ao real e ao imaginado um suporte físico no plano espacial. Questionando a localização dos lugares, assim como sua topografia, história e relações sociais passadas permitirá evocar alguns elementos para reconstituição de sua realidade. Esta abordagem visa portanto contribuir para a compreensão das relações particulares que os indivíduos exercem nos lugares do passado. Ela retrata ao

mesmo tempo um percurso aproximativo, dentro do universo das práticas, e igualmente algumas ligações existentes entre turistas e os objetos espaciais que motivam sua mobilidade.

Seguindo este raciocínio, partimos do pressuposto que as pessoas vivem diferentemente os lugares. Se a particularidade da experiência turística se concentra na escala do praticante, cada lugar se torna portador de um cruzamento de significados individuais e coletivos. No mesmo sentido, estes significados evoluem segundo os períodos históricos, a cultura e as classes sociais (Bonetti, 1994) fazendo dos lugares um conjunto de objetos de reinterpretações por parte dos diversos atores envolvidos. Desta forma, a descrição que propomos visa contribuir para uma relação imaginária no espaço manauara pós reformas urbanas. Associando as imagens que revelam as sensações e os sentimentos variados junto aos lugares geográficos, tentaremos compreender a transformação dos espaços amazônicos em um objeto de atração turística. A esta representação espacial visa afastar de uma simples narração de fatos históricos, tentará privilegiar a localização de alguns eventos associando suas feições afetivas e líricas associadas.

1.4.2 A reconstituição turística na Belle époque

Manaus revelava nos primeiros passos, sua diversidade de espaços para a prática turística. A narração do jornalista Joaquim Gonçalves Maia que esteve na cidade em 1904 deixa um pouco deste sentimento. *“O passageiro que salta em Manaus, vê antes de tudo que está numa cidade nova, uma cidade de ontem, uma cidade de hoje, uma cidade em plena formação. Só há casas novas, novíssimas; as praças têm ainda a cor dos paralelepípedos novos, os passeios têm os lagedos sem mossas, as árvores e plantas dos jardins terão tido talvez a sua primeira floração. E a cada passo, ao atravessar um largo ajardinado, o viajante ouvirá esta frase de seu guia – Quando eu cheguei aqui, isto era um igarapé que entrava pela cidade e atravessava até lá. Parece que estou com efeito em uma cidade ianque, uma cidade de grandes construções, de grandes edifícios, de barulho, de movimento, em que os homens correm suados e tudo se cruza na preocupação do business, homens, bondes elétricos, carros de praça, carroças, tudo, sem parar...”*. (Dias, 2007, p. 44)

A descrição de Gonçalves Maia evoca a efervecência pela qual Manaus estava vivenciando com o boom da borracha. A grande movimentação de passageiros e carga, as mudanças na morfologia urbana e a chegada de transportes modernos revelava que a velocidade das transformações era um elemento cada vez mais presente na cidade. A política de higienismo e o código de postura parece ter alcançado o objetivo de sua aplicação, se observado pela ótica dos elogios deste viajante. Observando o contexto, havia razões de sobra para impressionar. Uma cidade limpa, situada no interior de uma floresta longínqua, detentora de ótimo serviço portuário, belos edifícios públicos, eletricidade, transporte e telefone confirmavam o estado de modernidade da cidade. É neste espírito que tentaremos evocar as práticas e os sentimentos dos turistas na Manaus da *belle époque*

O viajante que desembarcava no porto sentia rapidamente os primeiros símbolos de uma cidade moderna. O movimento de mercadorias, pessoas e informações dos mais diversos lugares do mundo, construía uma imagem de um lugar cosmopolita, longe dos grandes centros urbanos e cercada de florestas e águas por todos os cantos. Logo na recepção, uma banda de música onde todos os membros estavam vestidos de branco encorajava a descida do navio. Estavam também presentes, diversos membros da burguesia manauara, afoitas para conhecer os visitantes e as novidades que desembarcavam na capital.

Esta particularidade encantava os transeuntes. Praticamente toda a vida da cidade passava primeiramente pela região portuária. A euforia ficou ainda maior depois do contrato de reforma assinado com a firma inglesa Manaós Harbour Limited em 1902. As impressões de um porto moderno eram evidentes. Dois cais flutuantes permitiam aos grandes navios

ancorar sem muitas dificuldades, independente da variação anual que ocorre nos níveis da água do Rio Negro. Tecnologia que na época poderia ser encontrada somente em Sidney na Austrália (Pinheiro, 2001). Além disto, transportadoras aéreas, locomotivas, guindastes e armazéns permitiam movimentar e estocar as mercadorias com muita facilidade. O porto exercia portanto uma grande representação na construção das boas vindas aos viajantes. À partir desta estrutura que a cidade moderna e civilizada se abria para os visitantes.

Os primeiros passos aconteciam por entre os prédios da alfândega e guardamoria inauguradas pela mesma empresa no início do século XX. Suas dimensões remarcáveis reforçava o caráter cosmopolita da cidade através de um estilo eclético, misturando elementos medievalistas e renascentistas que lembra os prédios londrinos do século XIX. Um pouco mais acima o visitante recém-chegado encontrava a Praça do Comércio limpa, arborizada e com sua fonte ornamentada com querubins pintados com muita fantasia (Burns, 1966). Logo ainda na chegada era possível avistar à esquerda, a imponente igreja matriz. Erguida em estilo neoclássico sob uma colina rodeada por uma praça arborizada. Da igreja, observando no seu ângulo oposto era possível avistar as cores alegres da cúpula do teatro Amazonas.

As casas aviadoras localizadas na margem direita da Avenida Eduardo Ribeiro evidenciava logo no início da cidade a representatividade do hévea para a economia local. Diversos prédios públicos ornamentavam a caminhada. Contrastando com a narrativa dos viajantes naturalistas precedentes, Manaus da belle époque possuía largas avenidas construídas por um urbanismo haussmaniano que se instalava aos poucos. A Avenida Eduardo Ribeiro era um exemplo disto que podia ser sentido pelos novos viajantes durante os primeiros passos na Paris dos trópicos. Sua constituição não economizou espaço em todo seu trajeto que une o porto até a praça do congresso. Uma rua larga, bem iluminada, dotada de grandes passeios, bancos e árvores criava a função de contemplação do seu esplendor e das pessoas que por ali passavam. Não era sem razão que os principais comércios e lojas mais elegantes da capital privilegiaram sua instalação nesta avenida.

Os bares e botequins também eram presentes e muito bem frequentados por homens de paletó e mulheres vestidas conforme a moda européia. Constantemente as carruagens, bondes e automóveis vinha depositar os membros das ricas elites manauaras em busca de um espaço para encenar seus hábitos de consumo e extravagância. Em poucos minutos a Avenida Eduardo Ribeiro conduzia o viajante até a praça de São Sebastião. A medida que os passos avançavam quatro construções se tornavam remarcáveis na paisagem urbana. Primeiramente a fachada clássica do palácio da justiça, de autoria do arquiteto francês Charles Peyroton. Um pouco mais adiante, o aspecto neoclássico da igreja de São Sebastião, juntamente com sua torre única e um rico interior ornamentado. Em seguida o monumento de abertura dos portos do rio Amazonas à navegação estrangeira, confeccionado em Roma pelo artista italiano De Angelis (Duarte, 2009). Por fim o imponente teatro Amazonas, com seus dois pavimentos, pilares, arcos e cúpula, demonstrando uma tendência eclética que lembrava as obras do teatro scala de Milão e o da ópera de Paris inaugurados relativamente na mesma época.

Esta última obra roubava a cena. A intencionalidade da sua construção no ponto mais elevado da cidade era uma forma de exibir o boom da economia da borracha e demonstrar o progresso social e cultural que a cidade vivenciava. Suas proporções demonstrava o poderio econômico da cultura burguesa manauara do final do século XIX. Uma tal obra localizada em um dos pontos mais elevados e nobre da cidade refletia aos viajantes a imagem de progresso substituindo o arcaísmo anterior. Sua cúpula multicolorida na opinião do historiador inglês Eric Hobsbawm *“superpõem símbolos relativos à ordem republicana e à imagem de progresso que tornam inevitável a associação do edifício aos espaços oficiais, aos rituais políticos. Ela sugere ainda uma “tropicalização” ou uma transposição especial da imagem republicana, estampada em alegoria de proporções gigantescas”*. (Daou, data, p. 51).

Descendo em alguns minutos as atuais ruas Costa Azevedo e Rui Barbosa, chegava-se na Praça da Constituição. Lugar projetado, arborizado e bem frequentado pelas famílias e elites locais, se tornava um símbolo da modernidade associando a convivência de áreas verdes nos centros urbanos. Importantes obras da engenharia como o Palacete Provincial em estilo colonial, o neoclássico Colégio Dom Pedro II e o tesouro público reforçava o ecletismo da cidade. Este era o charme deste ponto de encontro. Alguns passos à frente levava à Praça dos Remédios com sua igreja em estilo neoclássico. Era possível encontrar também o mercado Adolpho Lisboa com sua enorme variedade de produtos amazônicos como peixes, frutas e raízes. A organização e a limpeza urbana ficava nas impressões destes que por ali trafegavam.

Estrangeiros dos quatro cantos do mundo e burgueses refinados estavam presentes nas ruas da cidade. Trabalhadores cruzando os espaços na pressa com seus afazeres. Seringueiros negociando as faturas com comerciantes de origens diversas. Imigrantes nordestinos por sua vez, ansiosos com as viagens aos seringais. Alguns se preparavam espiritualmente outros se entregavam às diversões locais. Mulheres, jogos e bebidas enfim, tudo isto acontecia discretamente por entre as ruas da cidade. A cosmopolidade construída à partir do encontro de diferentes culturas, raças, níveis sociais e nações davam um charme à descoberta de Manaus.

A distância, o tempo e o custo não eram os limites da viagem. Os turistas que decidiam partir ao norte da cidade podia facilmente acessar os lugares periurbanos para a contemplação da natureza. O Igarapé da Cachoeira Grande era um dos lugares ideais para banho. Seja para diminuir as temperaturas da cidade e a agitação urbana, poucos passos eram necessários à partir da estação do bonde. Logo mais acima, os bairros de Flores e Campos Salles guardavam as chácaras, sítios e pomares para a elite manauara. Diversas práticas turísticas voltadas à natureza também podiam ser acessadas e as facilidades dos bondes ditavam o ritmo da visita.

Um pouco mais ao norte poderia ser avistada a Cachoeira do Tarumã, referenciada por diversos moradores e turistas como um dos passeios mais remarcáveis da cidade. Seu acesso mais comum saía de Manaus em lancha à motor subindo contra o Rio Negro e penetrando no igarapé de mesmo nome. Atracando em uma floresta inundada, os turistas eram convidados a utilizar canoas nativas até alcançar a floresta de terra firme. Uma pequena caminhada permitia chegar em uma cascata escondida formando um lago natural onde o banho era inevitável.

Para os turistas que se dirigiam para a Cachoeira de Paricatuba, o percurso era inverso à este utilizado na cachoeira do Tarumã. Durante o caminho pela margem direita do Rio Negro, belas ilhas fluviais, ilustravam o fascínio da região. Um pouco mais ao sul, com relação à cidade de Manaus, a atração dos turistas pelo encontro das águas era inevitável. Fazia parte ainda do passeio uma visita às vitórias régias e o avistamento dos jacarés, bastante comuns nesta região.

Esta era uma face da cidade. Bondes elétricos permitiam acessar rapidamente as belas praças, pontes inglesas, além dos igarapés, monumentos e construções remarcáveis ilustrando o charme do percurso. Uma infinidade de hotéis possibilitavam aos hóspedes o conforto em acordo à seus gostos e expectativas. Culinárias locais ou internacionais eram ambas facilmente encontradas na cidade. Enfim, proximidade ao comércio ou refúgio em áreas menos povoadas, tudo isto fazia parte da Paris dos trópicos.

Independente de vários autores evocar a segregação dos espaços manauaras como uma resultante desta política, nossa abordagem privilegiou apresentar um ponto de vista centrado na qualidade da destinação para a prática turística na época. O resgate de sua especificidade nos permite portanto adotar um posicionamento à respeito da dinâmica dos lugares face ao processo de turistificação. Deste modo, compreendemos que tais lugares refletem os hábitos e as intencionalidades dos atores que o vivenciaram. Será necessário portanto explicar o que entendemos por lugar amazônico destinado às práticas turísticas.

1.4.3 O lugar amazônico para as práticas turísticas

No decorrer deste capítulo, uma das questões fundamentais que tentamos compreender relaciona-se ao significado da expressão *lugar turístico amazônico*. Para isto partimos inicialmente de algumas características gerais de sua gênese e funcionamento, para em seguida apresentar suas localizações e influências na definição dos espaços turísticos, ainda no início do século XX. Privilegiamos assim evidenciar as práticas espaciais na tentativa de compreender os lugares e isto que nos conduziu a um questionamento clássico da geografia. Onde se manifesta um determinado evento? Ou melhor, porque um tal fenômeno aconteceu aqui e não ali?. As respostas não podiam ser diferentes e visam indicar um lugar no espaço onde se manifesta tais fenômenos. É na expectativa de compreender o locus dos eventos que iremos tentar buscar um conceito sob as luzes da geografia.

O termo lugar é fortemente empregado tanto na linguagem do cotidiano quanto na sua concepção científica e apresenta portanto diversas interpretações. O mesmo pode ser considerado de maneira geral, como o locus de manifestação de um determinado evento; ou mesmo ainda de forma abstrata, como o lugar de um indivíduo na hierarquia social, exigindo portanto explicações antropológicas, filosóficas e sociológicas. A geografia adquire aqui um papel importante na utilização do termo já no início do século XX por ser considerada por Vidal de la Blache (1913) como a “ciência dos lugares” (Bavoux, 2002). Tal como defende Roger Brunet, “*é o lugar que responde à famosa questão do “onde?”*” (Brunet, Ferras et Thery 1993, 298 p.), portanto fortemente relacionado à geografia. Porém utilizar o termo não parece ser tão simples. Além da polissêmia que o termo pode adquirir, como posicionar esta noção face aos conceitos de espaço e território fortemente empregado na linguagem geográfica?

Poderíamos partir inicialmente da compreensão do território como uma construção social. O território adquire forma pela figura de um ator portador de identidade e de uma capacidade específica para se agrupar com outros atores e apropriar uma determinada porção do espaço. Agindo desta maneira tais atores exercem relações de poderes que podem ser expressos por marcos, linhas e limites, sejam eles imaginários ou físicos, e que se tornam fundamentais na formação de um dado território (Raffestin, 1986). No seu oposto, poderíamos compreender o espaço pelo seu sentido mais abstrato como algo anterior ao território. A ausência de relações de poder no espaço poderia ser expresso por limites físicos pouco precisos, diferenciando assim do território. Na expectativa de evocar sua dinâmica, poderíamos considerar que o espaço se tornará um lugar na medida em que o conhecemos melhor e que o acordamos determinados valores (Tuan, 2006). Utilizando ainda a reflexão de Roger Brunet, “*É de lugares, de ligações entre lugares e de lugares de lugares que o espaço se faz*” (Brunet, Ferras et Thery 1993, 298 p.).

Dentro na nossa perspectiva de propor uma abordagem geográfica do turismo, procuramos privilegiar a localização dos eventos e a funcionalidade dos objetos que se encontram associados às práticas turísticas, portanto inseridos em ambas as noções de espaço e território. Deste modo, o conceito de lugar que tentaremos construir para dar sentido ao desenvolvimento de nossa análise não tem a ambição de responder à todas as questões e disciplinas que empregam o termo. Tentaremos portanto dar sentido ao lugar geográfico aplicado no contexto Amazônico sem ter a pretensão de esgotar todas as possibilidades de análise do termo.

Um dos principais problemas que envolve a compreensão dos lugares na ciência geográfica reside na questão da escala. Como exemplo, poderíamos interpretar de forma simples que uma cachoeira é um lugar para a prática do turismo na floresta tropical. Em paralelo a cidade do Rio de Janeiro seria um importante lugar turístico no Brasil, assim como a França no contexto do turismo mundial. A escala se torna desta maneira um desafio na compreensão do termo.

Para fazer face à esta necessidade de precisão, uma abordagem interessante foi proposta pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1977). Utilizando o exemplo de uma casa como lugar, ele propõe que no interior desta mesma casa existe também pequenos lugares. Ele sugere ainda que mesmo uma pausa ou parada nos movimentos humanos termina definindo uma localização, portanto um lugar (Tuan, 1985). Seguindo este raciocínio os lugares podem ter grandes variações de tamanho, partindo desde a escala individual chegando até esta do Estado-nação (Tuan, 1985, p.149). Uma abordagem que aproxima bastante da reflexão de Milton Santos (1985), onde o lugar pode ser compreendido como o objeto ou mesmo um conjunto de objetos. Porém se os lugares possuem escalas distintas, como uma simples cachoeira pode ser comparada com a cidade do Rio de Janeiro?, ou mesmo como o Rio de Janeiro pode ser comparável com a França enquanto Estado Nação? A dimensão do lugar diferenciaria portanto em função do contexto de uso da palavra?

Poderíamos partir do pressuposto que os lugares possuem tamanhos diferentes, assim como as sociedades possuem identidades diferentes. Utilizando ainda o raciocínio de Tuan (1985) a tarefa do geógrafo é compreender como um simples espaço se torna um lugar humano. Para isto é necessário compreender “*a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos assim como as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar*” (Tuan, 1985, p.150).

Na tentativa de propor uma melhor forma de abordar os lugares, Mathis Stock (2001) defende em sua tese que os sentimentos de pertencimento possuem um referencial geográfico importante no que se refere aos lugares e que estes podem ter tamanhos diferentes. “*Ces appartenances ou identités ne s’expriment pas seulement par rapport à une société, une famille ou un cercle d’amis – donc par rapport aux autres hommes avec lesquels nous sommes en interrelation – mais aussi par rapport à des lieux. Ces lieux diffèrent selon le contexte social qui exprime notre identité.*” (Stock, 2001, p. 93). Assim, as sociedades organizadas constroem lugares com tamanhos e sentidos diferentes.

Uma segunda argumentação ainda defendida por Mathis Stock (2001) é que “*à chaque fois qu’une unité spatiale donnée est appréhendée sans différenciation spatiale interne, de manière globale, on peut la nommer “lieu” et ceci peut se faire à des échelons très différents: la France est un lieu lorsque l’on construit un espace “supra-national” fait de pays et où l’on ne montre pas les différenciations spatiales de la France.*” (Stock, 2001, p. 93). Os lugares possuem portanto uma dimensão espacial e suas relações e proximidades com outros lugares permitem compreender seus funcionamentos e identidades.

Com relação à noção de proximidade ela nos induz a pensar na distância como uma medida de afastamento espacial que separa os lugares (Pumain e Saint-Julien, 1997). Nos estudos relacionados à Amazônia, a distância física é frequentemente sub-estimada, principalmente se observada na expectativa de compreender a identidade e o funcionamento dos lugares. Se utilizarmos como referência o município de Barcelos, na Alta Amazônia brasileira, por exemplo, sua superfície de 122.476 km² apresenta uma densidade demográfica de 0,19 habitante por quilômetro quadrado¹⁴. Se compararmos com o departamento de Rhône Alpes na França, este possui uma superfície três vezes inferior à esta de Barcelos, porém com uma densidade de 139 hab/km². Observando estes dados, um forte contraste de proximidade pode caracterizar a percepção dos indivíduos na busca dos lugares Amazônicos para as práticas turísticas.

Porém, além do distanciamento que separa os lugares, a noção de distância no contexto Amazônico não se mede somente com relação aos marcos geográficos que definem as coordenadas dos eventos em um plano espacial. Ela pode ser baseada também por um certo grau de familiaridade com o lugar e com as pessoas que ali se encontram. Inserimos assim

¹⁴ Dados do censo demográfico de 2000.

uma noção de distância percebida ou cognitiva, que se constroi de forma individual ou mesmo coletiva. A esta distância, que se traduz em representações psicológicas, ela cria portanto um distanciamento entre lugares do cotidiano e estes do fora do cotidiano. Assim o que é familiar pode ser interpretado como mais próximo, enquanto que o exótico pode ser ressentido como uma dificuldade de contato ou mesmo à imposição de barreiras sociais e culturais à ultrapassar.

Neste sentido podemos afirmar que cada lugar Amazônico tem um sentido particular e sua dimensão temporal permite ilustrar que os lugares não são eternos em seus significados. A esta transformação dos significados dos lugares é que inserimos uma reflexão à respeito de sua função turística. Assim como toda sociedade, os lugares não são estáticos e adquirem diferentes valores ao longo do tempo. O turismo produz portanto lugares comuns para as práticas turísticas (Equipe MIT, 2002).

Observado sobre a ótica do funcionamento, os lugares se organizam em redes, onde estes do cotidiano se conectam com estes do fora do cotidiano através de ligações intermediárias entre os mesmos. Os deslocamentos dos turistas estabelecem desta forma um sistema de interações entre diferentes lugares. Queremos desta maneira concentrar a análise nos “nós” onde o fenômeno turístico se manifesta. Um lugar criado ou inventado para a prática turística se caracteriza por uma escolha ou opção do turista, diferenciando assim dos lugares intermediários, onde necessariamente encontraríamos turistas. Os aeroporto, hotéis, agência de viagens poderiam ser considerados como exemplos destes lugares intermediários pelo fato de constituírem uma passagem quase que obrigatória entre os lugares do cotidiano e estes do fora do cotidiano para os turistas. Porém existe a possibilidade destes lugares intermediários se tornarem lugares turísticos à partir de um conjunto de práticas, significados e escolhas individuais por parte deste que o vivencia. O porto de Manaus ou os atuais hotéis de selva são exemplos de lugares intermediário e turísticos na cidade, de acordo com o nosso ponto de vista.

A invenção turística dos lugares nada mais é que uma mudança de valor, de significado ou de uso, ou seja, uma adaptação dos lugares às necessidades dos turistas. Os lugares turísticos diferem portanto destes denominados por atração turística. Enquanto que o primeiro coloca que a invenção dos lugares é indissociável dos turistas, a segunda, de acordo com o nosso ponto de vista, se constroi à partir de um julgamento de valor. Para exemplificar este raciocínio, utilizaremos ainda o exemplo da cachoeira. Muitas vezes considerada como uma atração turística natural, ela pode exercer a função de atrair fluxos de turistas ou inclusive ser considerada um potencial na atração. Porém nem sempre poderíamos afirmar que obrigatoriamente as cachoeiras são utilizadas por turistas, principalmente se considerarmos estas localizadas em propriedades privadas ou fechadas à visitação pública.

Seguindo este raciocínio, o lugar turísticos amazônico que aqui propomos pode ser compreendido como o local geográfico resultante de uma mudança de olhar e de novas práticas aportadas pelos turistas. Lugares estes que possuem diferentes escalas, temporalidades, significados e qualidades, influenciando no comportamento dos fluxos, seja ele de pessoas, bens e empresas. Por fim, são lugares que promovem a troca de experiências entre diferentes pessoas, proporcionando sensações e desejos.

Conclusão: A invenção na estratégia dos atores

No desenvolvimento do capítulo tentamos evidenciar alguns elementos à respeito da origem do turismo na cidade. Dos relatos da emergência de modernização à imposição de um modelo civilizatório, o estudo de caso de Manaus nos revela diversas faces do processo de criação dos seus lugares. O período conhecido como belle époque transpôs à cidade os desejos da reforma urbana por parte de uma elite endinheirada com o boom da borracha. Esta fase de desenvolvimento da cidade se traduz por uma mutação radical do lugar existente. Manaus, no interior da maior floresta tropical, deixa de ser um simples vilarejo bucólico para entrar na lista das cidades mais modernas do Brasil ainda no início do século XX. Este processo criou uma centralidade importante. A mesma passa a ser responsável por todo o comércio de borracha na alta Amazônia brasileira, refletindo diretamente nas reformas urbanas.

A concentração de obras rompendo completamente com as construções passadas, a implantação de redes elétricas, de transporte, de água e inclusive a chegada de estabelecimentos hoteleiros confirma a sua centralidade. É deste momento que muitos lugares surgem e, igualmente, diversas formas de vivênciá-los. Este novo *modus vivendis* repleto de produtos e estilos parcialmente adaptados às sociedades locais evidenciam que uma interação entre populações geograficamente distantes estava em curso. Investindo na cidade, o turismo amplifica seu poder de centralidade e se torna um dos elementos de dinâmica espacial. A prática foi um dos motores fundamentais do processo de invenção dos seus lugares turísticos.

Uma discussão à respeito do aumento da acessibilidade amazônica é portanto necessária para melhor traçar as grandes linhas da turistificação Amazônica. Se por um lado a revolução industrial permitia diminuir a distância que separava os diferentes lugares, os navios internacionais adquirem o estatuto jurídico de livre navegação no Rio Amazonas. A grande floresta se torna desta maneira legalmente aberta à vinda de estrangeiros. Atrelado a isto, a revolução da medicina tropical proporcionava uma cidade mais acessível à partir da erradicação de certas epidêmias locais. Seguindo este raciocínio, aumento do número de deslocamentos rumo a Amazônia nos induz a pensar que as atividades humanas contemporâneas necessitam de lugares cada vez mais longínquos e variados para se manifestar. Associando novas práticas, os lugares adquirem portanto novas qualidades e é desta forma que os turistas se tornam os primeiros atores da turistificação manauara.

Na expectativa de compreender este processo, tentamos retrair as diferentes formas vivênciar os lugares por parte dos atores urbanos. Se a burguesia local se apropria do centro esbanjando riquezas e estilos europeizados, as classes menos favorecidas afirmavam suas condições de existência em lugares e espaços específicos. Ora camuflando, ora diferenciando este público se entrelaça nos lugares promovidos pelas elites demonstrando que para um mesmo lugar, diferentes populações e intenções podem se interagir. Da mistura destes elementos que o turismo surge como um mais um novo agente no processo de inserção de funções aos objetos espaciais. É investindo e adaptando os lugares já existentes que a prática turística começa a se difundir na cidade.

Partindo do pressuposto que uma maior acessibilidade e diferentes práticas proporcionam mudanças de significado nos lugares amazônicos que os homens frequentam, tentamos propor algumas pistas à respeito de suas diferenciações. Face a ausência de relatos de turistas que permitam compreender as práticas espaciais destes atores, uma abordagem imaginada foi desenvolvida. Este desafio partia inclusive de uma inquietação pessoal e assume as consequências de tentar caracterizar seus espaços. Agindo desta maneira, tentamos organizar de forma subjetiva as percepções do que poderia ser a Manaus do turismo sob o olhar destes que o vivenciaram, porém não relataram. Assim tentamos nos posicionar na postura de um perceptor, evocando as qualidades da cidade enquanto destino de viagem no início do século XX.

O caso da Manaus durante a belle époque nos mostra que existiam lógicas no processo de invenção dos lugares turísticos. Observando o exemplo analisado, podemos compreender que cada fase de desenvolvimento de Manaus é acompanhado pela constituição de lugares associados à práticas turísticas específicas. Inclusive o mapeamento de alguns cartões postais nos demonstra um pouco deste raciocínio. Tal como ilustrado no capítulo anterior, antes mesmo de implementada a política de higienismo e modernização, havia relatos de viajantes em busca das cachoeiras locais, como foi o caso de Biard na segunda metade do século XIX. Pouco tempo depois de iniciada o processo de criação da “Paris dos Trópicos” diversos lugares urbanos se destacam para a prática turística. Grande parte deles, ilustrados pelos cartões-postais, margeavam as linhas do bonde, símbolo do modernismo e orgulho da burguesia local. De sua extensão para a região de Flores e Campos Salles surgem novos lugares promovidos ao norte da cidade, reforçando uma nova fase do desenvolvimento. Consequentemente uma nova invenção de lugares permite outras práticas turísticas no periurbano.

O traço característico da Manaus antes da chegada do turismo nos mostra que ela constituía um lugar diverso em termos de população, com atividades centradas essencialmente no comércio da borracha. Retraçando a origem da cidade, podemos compreender facilmente que Manaus já existia antes da chegada fenômeno turístico. Utilizando a infra-estrutura urbana e de hospedagem pré-existente, é que um seletivo grupo de pessoas passa a desembarcar na cidade na expectativa de habitá-la temporariamente, inserindo novos significados nos lugares. A inserção de novos valores fica ainda mais evidente com a comercialização do pacote *1000 miles up the Amazon*, confirmando o estímulo de interações entre diferentes práticas espaciais na cidade. Os ingleses tornaram não só os modeladores dos lugares da cidade, mas principalmente os descobridores e investidores de uma outra forma de utilizá-los. A invenção turística de Manaus fica assim evidenciada pelas novas formas de olhar, sentir e vivenciar os lugares criados.

Diversos objetos espaciais e práticas foram portanto induzidos pela política de embelezamento da cidade. O processo de turistificação deles nos permite refletir à respeito do interesse por parte dos atores da turistificação. No momento em que a economia local começa a sentir os efeitos da crise no mercado da borracha, o pacote *1000 miles up the Amazon* passa a ser comercializado na Europa. Nossa hipótese sugere o turismo como uma alternativa encontrada pela empresa Booth Line na expectativa de reverter os investimentos feitos no transporte de passageiros para a capital amazonense. Esta por sua vez, se torna bem aceito por parte da sociedade local, principalmente para estes que representam a elite endinheirada. De um lado os políticos na estratégia valorizar e estimular a modernidade; de outro os burgueses sedentos por novidades vindas da Europa; no centro, os proprietários dos meios de hospedagens no interesse do aumento da receita mensal.

Mesmo que os turistas manauaras se destaquem no processo de turistificação, a invenção dos seus lugares não resulta somente de um aumento da acessibilidade e de novas práticas espaciais. Tampouco os atributos físicos, naturais e culturais existentes na exótica floresta tropical respondem por si só na conformação dos lugares turísticos. Para melhor compreender o processo de turistificação Amazônica é fundamental destacar a intencionalidade dos seus atores. A combinação variada de interesses, lógicas, poderes e alianças são indispensáveis na gênese e funcionamento dos lugares. Centralizar a análise nos atores será portanto o foco a ser seguido nos próximos capítulos para o desenvolvimento de nosso raciocínio.

Bibliographie

- AGUIAR & CA, Lino. *Almanach para 1906*. Manaus. 1906. Microfilm.
- AGUIAR, José Vicente de Souza. *Manaus : praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60*. Manaus. Editora Valer. Edições do Governo do Estado, 2002. 164 p.
- AMORIN, Anibal. *Viagens pelo Brasil. Do Rio ao Acre – Aspectos da Amazônia do Rio a Mato Grosso*. Rio de Janeiro. Livraria Garnier. 1909. 505 p.
- ANDRADE, Moacir; VIEIRA, Roberto dos Santos. *Manaus: monumentos, hábitos e costumes*. Manaus. EDUA. 1982. 119 p.
- ANDRADE, Moacir. *Manaus: 100 anos de arquitetura*. Governo do Estado do Amazonas. 1996. 217 p.
- ANDRADE, Rômulo de Paula; HOCHMAN, Gilberto. O Plano de Saneamento da Amazônia (1940-1942). In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.257-277, dez. 2007. Disponível on-line através do link: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-59702007000500011&script=sci_arttext. Consultado dia 16/08/2010.
- AVE-LALLEMANT, Robert. *No rio Amazonas*. trad. Eduardo de Lima Castro. Coleção Reconquista do Brasil. 2ª. Série. São Paulo. Itatiaia. 1980. 283 p.
- AGASSIZ, Jean Louis Rodolphe; e AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Trad. Edgar Süsssekind de Mendonça. São Paulo. Ed. Nacional. 1938. 655 p.
- BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. *O vale do Amazonas. Estudo sobre a livre navegação, Estatística, Produções, comércio, questões fiscaes do valle do Amazonas*. Serie 5ª – Brasiliana – Vol. 106. Biblioteca pedagogica brasileira. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1937. 247 p.
- BAENA, Antônio Ladislau. *Ensaio Corográfico sobre a província do Pará*. Pará, Typografia de Santos & Menor, 1839. 589 p.
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no Rio Amazonas*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo. Itatiaia/Edusp. 1979. 300 p.
- BAVOUX, Jean-jacques. *La géographie. Objet, méthodes, débats*. Paris. Armand Collin. 2002. 239 p.
- BITTENCOURT, Agnello. *Fundação de Manaus: pródromos e sequências*. Manaus. Editora Sérgio Cardoso. 1969. 87 p.
- BITTENCOURT, Agnello. *Chorographia do Estado do Amazonas*. Manáos. Typ. Palácio Real. 1925. 346 p.
- BONETTI, Michel. *Habiter: le bricolage imaginaire de l'espace*. Paris. Desclée de Brouwer. Collection Reconnaissances. 1994. 230 p.
- BORGES, Sérgio Henrique. *Janelas para a biodiversidade no Parque Nacional do Jaú : uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia*. Manaus. WWF. Fundação Vitória Amazônica. IBAMA/MMA. 2004. 273 p.
- BRAGA, Robério dos Santos Pereira. *Manaus 1849/1859*. Manaus. Fundação Lourenço Braga. 1997. 14 p.
- BRUNET, Roger; “Lieu” in BRUNET, Roger; FERRAS, Robert ; THERY, Hervé. *Les mots de la géographie: Dictionnaire critique*. Troisième édition revue et augmentée. Paris. La documentation française. 1993. p. 298-300
- CALADO, Ivo de Oliveira. *Estudo turístico da região amazonica brasileira*. Washington. Organização dos Estados Americanos. 1992. 418 p.

- CAMARGO, Haroldo Leitão. *Uma pré-história do turismo no Brasil: recreação aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. Aleph. Série Turismo. São Paulo. 2007. 383 p.
- COELHO, Ernesto Bandeira. *Implantação de uma infra-estrutura técnica para o desenvolvimento da indústria turística na Amazônia*. Manaus, SUDAM, 1971. 18 p.
- COLLIER, Richard. *The river that God forgot: the story of the Amazon rubber boom*. London. Collins. 1968. 320 p.
- CORRÊA, Luiz de Miranda; REIS, Arthur César Ferreira. *O nascimento de uma cidade : Manaus, 1890 a 1900*. Manaus. Ed. Governo do Estado do Amazonas. 1966. p. 56
- COSTA, Francisca Deusa Sena. *Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana. Trabalhadores urbanos em Manaus (1890/1915)*. Dissertação (mestrado em História). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998. p.109
- COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade: Manaus (1897/1935)*. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas, 1996. 307 p.
- CUNHA, Euclides da. *Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro. J. Olympio. 1986. 279 p.
- DAOU Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Segunda edição. Rio de Janeiro. Editor Jorge Zahar. 2000 A. 77 p.
- DAOU, Ana Maria. *Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense*. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. VI (suplemento), 867-888, setembro 2000. disponível on-line através do link: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702000000500006&script=sci_arttext. Consultado dia 16/08/2010
- DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto - Manaus 1890-1920*. 2ª edição. Manaus. Editora Valer. 2007. 170 p.
- D'ORBIGNY, Alcides. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Trad. David Jardim. Belo Horizonte. Itatiaia. 1976. 190 p.
- EQUIPE MIT. *Tourisme 1. Lieux Comuns*. Paris. Edition Belin. 2002. 320 p.
- EQUIPE MIT. *Tourisme 2. Moments de Lieux*. Paris. Edition Belin. 2005. 349 p.
- FIGUEIREDO, Heitor de. *Anuario de Manaos*. Lisboa, Typographia da "A editora limitada". 1913-1914. 34 p.
- BURNS, Edward Bradford. *Manaus, 1910. Retrato de uma cidade em expansão*. Governo do Estado do Amazonas. Manaus. Artenova Limitada. 1966. 38 p.
- DE MELLO, Thiago Amadeu. *Manaus: amor e memória*. Rio de Janeiro. Philobiblion, 1984. 251 p.
- DUARTE, Durango Martins. *Manaus, entre passado e presente*. 1ª edição. Manaus. Midia Ponto Comm, 2009, 296 p.
- EMBRATUR. *Normas de ocupação do território*. Ministério da Indústria e do comércio. Empresa Brasileira de Turismo. 1975. 56 p.
- EMBRATUR. *Anais do 1º Encontro Oficial do Turismo Nacional*. Empresa Brasileira de Turismo. 302 p.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem filosófica ao Rio Negro*. Manaus. 2ª. Edição. EDUA. 2007. 662 p.
- GALVÃO, Manoel Dias. *A história da medicina em Manaus*. Manaus. Valer. Edições Governo do Estado. 2003. 295 p.

GONCALVES, Augusto Cezar Lopes; MARDOCK, Richard. *O Amazonas : esboco, histórico, chorographico e estatístico até o anno de 1903*. 1ª edição. New York. H. J. Hanf. 112 p.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. *Plano operacional para o exercício de 1988*. Manaus. Secretaria de Estado da industria, comércio e turismo. 1988. 98 p.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. *Album municipal de Manáos. Elaborado na administração do Prefeito Araujo Lima, sendo presidente do estado o Exmo. Sr. Dr. Ephigenio de Salles*. Manaus. Microfilm. 1929. 38 p.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. *Album do Amazonas*. Manáos, Microfilm. 1901-1902. 79 p.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. *Manaus: Album. Organizado na administração do prefeito sr. Antonio Botelho Maia*. Manaus. 1937. Microfilme. 49 p.

JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. *Manaus da Belle époque: um cotidiano em tensão. A Utopia da Modernidade na Cidade Disciplinar, 1890 1920*. Revista Eletrônica Cadernos de História: publicação do corpo discente do departamento de história da Universidade Federal de Ouro Preto Ano II, n. 01, março de 2007. Disponível on-line através do link: <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-03-08-Livre.pdf> . Consultado dia 16/08/2010.

JÚNIOR, Paulo Marreiro dos Santos. *Pobreza e prostituição na Belle époque manauara: 1890 – 1917*. Revista de História Regional 10(2):87-108-, Inverno, 2005 Disponível on-line através do link: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=download&path%5B%5D=247&path%5B%5D=203>. Consultado dia 16/08/2010.

KAZ, Paulina. *O turismo na formação das lideranças*. Manaus. Governo do Estado do Amazonas. Secretaria da Imprensa e Divulgação. 1966 .30 p.

KELLER-LEUZINGER, Franz. *The Amazon and Madeira Rivers. Sketches and descriptions from the note-book of an explorer*. Londres. Chapman and Hall. 1874. 177 p.

LEVY, Jaques; LUSSAULT, Michel. *Dictionnaire de la géographie*. Paris. Benin. 2003. 1033 p.

L'HOSTIS, Alain ; CONESA, Alexis. *Définir l'accessibilité intermodale*. Hal-00303439, version 1 - 21 Aug 2008. 22 p. Disponível on-line através do link: http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/30/34/39/PDF/Lhostis_revision_amende_ALH_AC_HAL.pdf. Consultado dia 16/08/2010.

LITOT. Jean-Baptiste. *Les cartes postales paysagères : du tourisme à la territorialité*. 6e Rencontres de Mâcon, « Tourismes et territoires » - 13, 14 et 15 septembre 2007 – Pré-actes. Disponível on-line através do link: http://www.recherche-maconnais.org/rencontres_sept_07.html. Consultado dia 16/08/2010.

LOUREIRO, Antônio José Souto. *História da navegação no Amazonas*. Manaus. Lorena Ltda. 2007. 309 p.

MARTIUS, Carl Friedrich e SPIX, Johan Baptist von. *Viagem pelo Brasil: 1817 – 1820. : Excertos e ilustrações*. São Paulo. Melhoramentos. 1968. 110 p.

MEDEIROS, Fernando Saboia de. *A liberdade de Navegação do Amazonas. Relações entre o império os Estados Unidos da América*. Serie 5ª – Brasileira – vol. 122. Biblioteca pedagogica brasileira. Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1938. 303 p.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *La belle Vitrine: Manaus entre dois tempos (1890 – 1900)*. Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2009. 396 p.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e arquitetura – 1852-1910*. 3ª. Ed. Manaus. Editora Valer, Prefeitura de Manau e Uninorte. 2006. 360 p.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. *Estação ecológica de Anavilhanas*. Brasília. Secretaria Especial do Meio Ambiente. 1984. 32 p.

- MOTA, Maria Sarita. Cruzando fronteiras: a expedição científica do Instituto Oswaldo Cruz e a expedição do Roncador-Xingu *Revista IDEAS*, v. 1, n. 1, p. 6-25, jul.-dez. 2007. Disponível on-line através do link: http://www.ufrrj.br/cpda/ideas/revistas/v01/n01/IDeAS-v01_n01-artigo_MARIA_SARITA_MOTA.pdf. Consultado dia 16/08/2010.
- MOTA, Vanderlan Santos. *Espaços públicos de Lazer em Manaus: O papel das políticas públicas*. Manaus. Editora Valer, 2008, 234 p.
- NETO, Oduval Lobato. *Ecoturismo, o exemplo do Amazonas*. Belém. UFPA. 1998. 58 p.
- OLIVEIRA, Jorge Texeira de. *Manaus*. Manaus. Prefeitura Municipal de Manaus. 1979. 26 p.
- OLIVEIRA, José de Aldemir de. *Manaus de 1920 – 1967. A cidade doce e dura em excesso*. Manaus. Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas e Universidade Federal do Amazonas. 2003, 176 p.
- PENNINGTON, David. Manaus e Liverpool. *Uma ponte marítima centenária – anos finais no império – meados do século XX*. Manaus. Editora da Universidade Federal do Amazonas/Centro Universitário do Norte. 2009. 322 p.
- PEREIRA, Ester Maria Vieira. *From extraction to attraction. Making ecotourism a reality in the municipality of Manaus, Amazonas, Brazil*. Norway. Faculty of social sciences. Norwegian school of hotel management. PHD thesis Uis n°. 38 – June 2007. 387 p.
- PEYLET, Gérard. (coord.). *Géographie imaginaire*. Eidôlon. Cahiers du laboratoire pluridisciplinaire de recherches sur l'imaginaire appliquées à la littérature. Université Michel de Montaigne Bordeaux 3. N° 45. décembre 1995. 201 p.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros. Trabalho e conflito no Porto de Manaus 1889-1925*. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas, 1999. 296 p.
- PUMAIN, Denise. SAINT-JULIEN, Thérèse. *L'analyse spatiale. Localisation dans l'espace*. Paris. Armand Colin. 1997. 167 p.
- RAFFESTIN, Claude. Écogenèse territoriale et territorialité, in AURIAC, Franck. & BRUNET, Roger. *Espaces, jeux et enjeux, Nouvelle encyclopédie des sciences et des techniques*. Fayard, Fondation Diderot, Paris, 1986, p. 173-185.
- RAGO, Margaret. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008. 364 p.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Manaós e outras villas*. Secretaria de cultura e turismo. 2ª edição. EDUA. 1999. 144 p.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História do Amazonas*. Oficinas Typographicas de A. Reis. Manaus. 1931. 269 p.
- RIBEIRO, Berta. *Amazônia Urgente : 5 Séculos de História e Ecologia*. Itatiaia. São Paulo. 1990. 271 p.
- SANT'ANNA, Nery. *O país das Amazonas*. trad. Ana Mazur Spira. Belo Horizonte. Itatiaia. 1979. 258 p.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo. Editora Hucitec. 1996. 308 p.
- SANTOS, Milton. *Espaço & método*. São Paulo. Livraria Nobel. 1985. 88 p.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, albuns de família e ícones da intimidade in: NOVAIS, Fernando; SECVENKO, Nicolau (coodenador-geral da coleção). *Historia da vida privada no Brasil 3. Republica da belle époque à era do radio*. São Paulo. Companhia das letras. 1998. 724 p.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. A CIÊNCIA NOS TRÓPICOS: As práticas médico-científicas em Manaus na passagem do século XIX para o XX. In *Revista Pós Ciências Sociais*. São Luis/MA. v. 6, n. 12, p. 69-88, jan.-jun. 2009. Disponível on-line através do link: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/viewFile/57/39>. Consultado dia 16/08/2010.

SCHWEICKARDT, Júlio César; LIMA, Nísia Trindade. Os cientistas brasileiros visitam a Amazônia: as viagens científicas de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas (1910-1913). In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, p.15-50, dez. 2007. Disponível on-line através do link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000500002. Consultado dia 16/08/2010.

SCHWEICKARDT, Júlio Cesar. Ciência, Nação e Região: As doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930). 2009. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005. 425 p.

SOARES, Manoel do Carmo Pereira. O doutor Evandro Chagas na Amazônia: entre a epopeia e a tragédia. In *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. Belém. v. 1(1), p. 13-18, março 2010. Disponível on-line através do link: <http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/rpas/v1n1/v1n1a03.pdf>. Consultado dia 16/08/2010.

SOUZA, Marcio. *A expressão amazonense : do colonialismo ao neocolonialismo*. Editora Alfa-Omega. São Paulo. 1978. 217 p.

SOUZA, Marcio. *Breve história da Amazônia*. Agir. Rio de Janeiro. 2001. 239 p.

SOUZA, Marcio. *Galvez o Imperador do Acre*. Rio de Janeiro. Ed. Record. 2001. 220 p.

STEPAN, Nancy Leys. Medicina tropical e saúde pública na América Latina. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.4, no.3, p. 598-609, Nov. 1997. Disponível on-line através do link: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a11.pdf>. Consultado dia 16/08/2010.

STOCK, Mathis. *Mobilités géographiques et pratiques des lieux. Etude théorique-empirique à travers deux lieux touristiques anciennement constitués : Brighton & Hove (Royaume-Uni) et Garmisch-Partenkirchen (Allemagne)*. Thèse de doctorat en géographie. Université de Paris VII – Denis Diderot. 2001. 663 p.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA. *Recursos naturais e turismo na Amazônia*. Belém : Ministério do Planejamento e Orçamento, Secretaria Especial do Políticas Regionais : Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, SUDAM : Secretaria Geral da Organização dos Estados Americanos, Departamento de Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, OEA, 1997. 60 p.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA E AL. *Linhas básicas para um programa de desenvolvimento do turismo na região amazônica : análise do patrimônio turístico, intensificação da estrutura de funcionamento do espaço turístico, diagnóstico estratégico : lineamentos para o desenho de uma estratégia de ordenamento territorial para a Amazônia legal*. Belém. Acordo SUDAM/OEA. 1995. 159 p.

TEODORO, Expedito. *Se essa rua fosse minha: ruas de Manaus*. Editora da Universidade do Amazonas. Manaus. 1999. 678 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Viagem na memória : guia histórico das viagens e do turismo no Brasil*. Editora SENAC São Paulo. São Paulo. 2000. 246 p.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel. 1985. p. 143-164

TUAN, Yi-Fu. *Space and place: the perspective of experience*. London. University of Minnesota Press. 1977. 226 p.

WALLACE, Alfred Russel. *Viagem pelos rios Amazonas e Negro*. Trad. Orlando Torres. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1939. 671 p.

WEINSTEIN, Barbara. *The Amazon rubber boom. 1850-1920*. Stanford University Press. California. 1983. p. 356.